

Fig. 4.28 – Igreja de S. Francisco de Évora. Ala Nascente do claustro

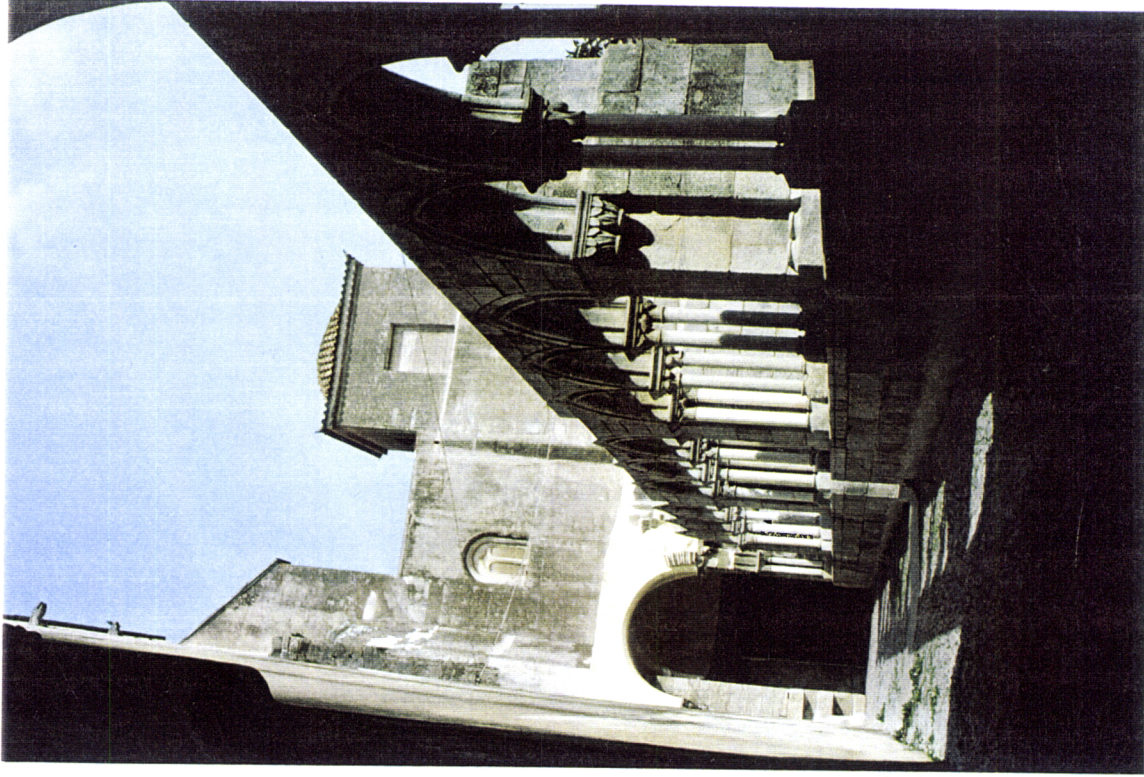


Fig. 4.29 – Igreja de S. Francisco de Évora. Ala Norte do claustro



Fig. 4.30 – Igreja de S. Francisco de Évora. Ala Poente do claustro



Fig. 4.31 – Igreja de S. Francisco de Évora. Cobertura em terraço da ala Nascente do claustro

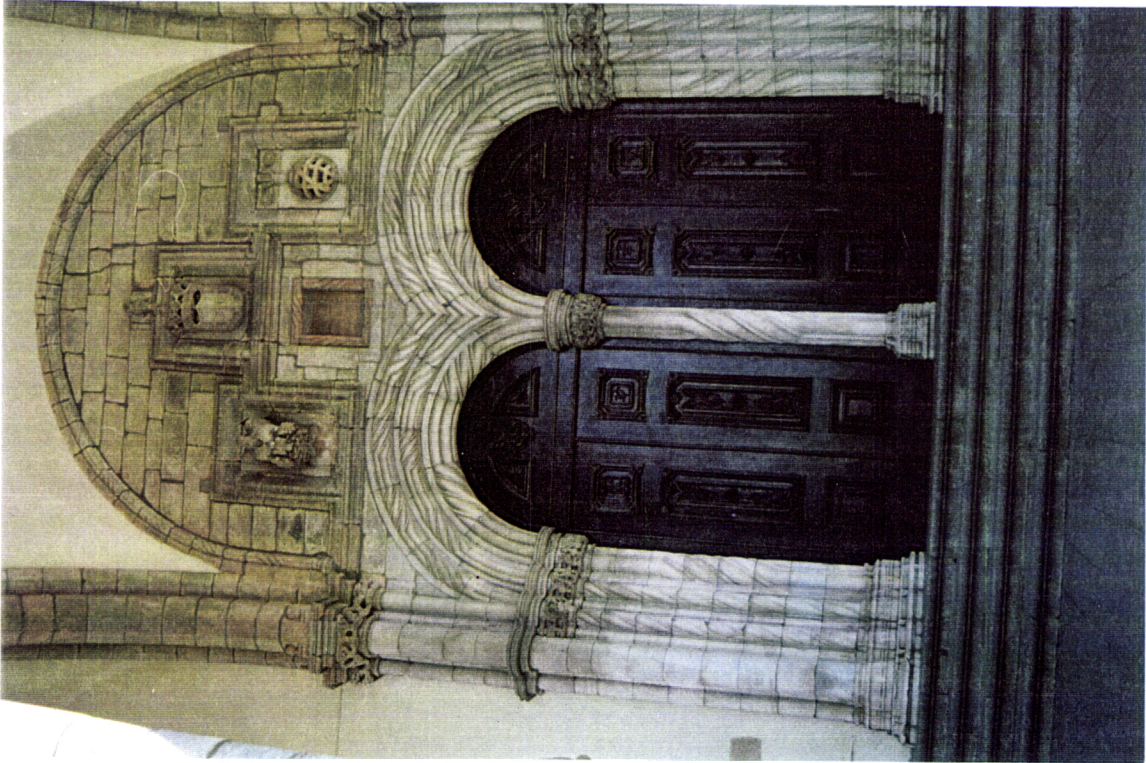


Fig.4.32 – Igreja de S. Francisco de Évora. Portal da frontaria

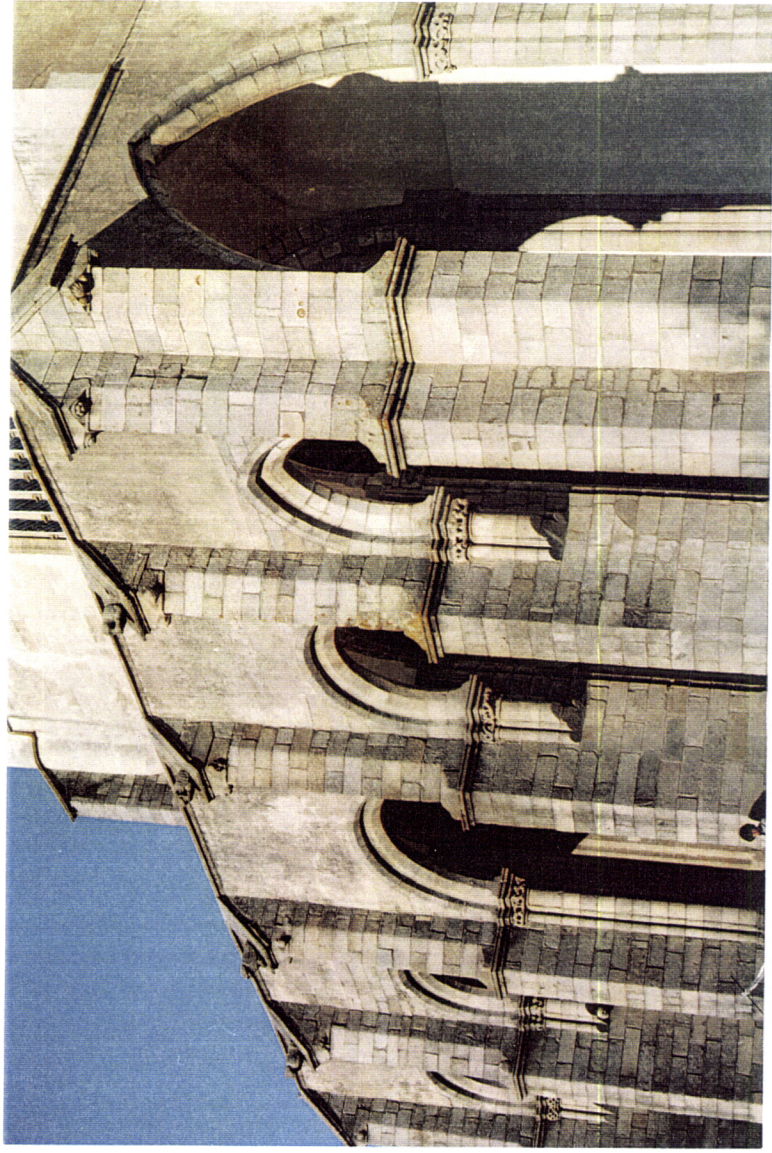


Fig.4.33 – Igreja de S. Francisco de Évora. Pórtico

CAPÍTULO V

CRONOLOGIA DAS OBRAS

5.1 – Sécs. XIII/ XIV

Segundo uma memória citada por Frei Jerónimo de Belém, a igreja fundacional caiu, tendo sido restaurada pelos franciscanos que *tornarão a fazer os padres de três naves*⁵⁸. Esta voltou a ruir, circunstância que “ o Africano “, habilmente, aproveitou para se apropriar de partes do Convento, em troca da promessa de levantar a igreja que aqueles tanto necessitavam.

Como seria a igreja arruinada, constitui um dado em aberto. Podemos aventar a hipótese de tratar-se de uma igreja com três naves e cabeceira escalonada, como era a maioria das igrejas mendicantes, erguidas em território nacional, nos sécs. XIII e XIV, mas os documentos não nos permitem corroborar este esforço de interpretação. Contudo, no edifício actual, existem indícios do velho templo: o portal Norte, de três arquivoltas, inscrito num gablete, que parece ser um reaproveitamento; as três frestas geminadas inscritas na mesma parede, que parecem corresponder a uma fase mais antiga da obra; as janelas de arco quebrado e três rasgos, que ladeiam o portal axial (desentaipadas em 1937 pela DGEMN).

Sabe-se que em 1376 já estava construído o Claustro primitivo, mandado erigir por D. Fernando Afonso de Moraes, comendador da Ordem de S. Tiago, tendo sido seu arquitecto João de Alcobaça e vedor das obras o guardião Afonso de Montemor⁵⁹.

⁵⁸- Memória cit. in Belém, Frei Jerónimo, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observância*, Parte 1ª, Livro 2º, Cap. III, p. 18

⁵⁹ - Espanca, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*, Concelho de Évora, vol. VII, p.160

5.2 – Sécs. XV/ XVI

As obras de renovação da igreja iniciaram-se, provavelmente, a acreditarmos nas crónicas franciscanas, no reinado de D. Afonso V (1438 – 1481), havendo notícia dum mestre Pero, como responsável pelas obras em 1443⁶⁰. Estas ter-se-ão desenvolvido a um ritmo lento, por coincidirem com as guerras com Castela (1475-1479). O avanço das obras terá sido bem mais significativo, pensamos nós, após o desfecho da guerra, nos últimos anos da década de setenta, para se prolongarem pelo reinado de D. João II (1481-1495) sendo terminadas por iniciativa de D. Manuel (1495-1521). De facto D. Afonso V morreu em 1481, tendo a continuidade das obras sido asseguradas, provavelmente, pelo seu sucessor, D. João II, o qual terá mantido a promessa de reedificação do templo franciscano. Esta hipótese ganha fundamento se pensarmos que o emblema régio do Príncipe Perfeito (o Pelicano), não surgiria na igreja, se aquele não tivesse assumido um papel importante na factura da obra. Só um empenho activo e interessado nas obras da igreja podem explicar que a ocupação do Convento tenha sido, ainda, maior no seu reinado, o qual *para fazer mais vistoso e extenso o Palacio, tirou ao Convento humas casas, cortando tão largamente, que além de o privar da vista do rocio, o deixou sem officinas*⁶¹. Esta apropriação foi, previamente, confirmada pelo Papa Alexandre VI, pela Bula *Ex Comisso*, de 14 de Abril de 1495, na qual se concedia ao rei *licença para construir um Palácio numas casas e chão que pertenciam ao Mosteiro de S. Francisco, ficando livres e isentos para seu uso, assim como para seus herdeiros, uma vez que se levante outra habitação aos frades*⁶². O desejo de D. João II engrandecer a igreja é referido no Capítulo CXC, da Crónica deste monarca, redigida

⁶⁰ - Viterbo, Francisco M. Sousa, *Diccionario histórico e documental dos architectos ...* vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904

⁶¹ - Belém, Frei Jerónimo, *op.cit.*, Parte 1ª, Livro 2º, Cap. I, p. 15

⁶² - documento cit. in Moniz, Manuel Carvalho, *O Convento e a igreja de S. Francisco*, *op. cit.*, p. 14

por Garcia de Resende: *Estando aqui em Évora, em 1494, ordenou e fez que todos os seus capelões cantores e moços de capela rezassem as horas solenemente em sua capela cantadas como em igreja catedral; e assim mandou logo para isso fazer seus coros e assentos, e muitos ornamentos e todas as coisas necessárias muito perfeitas (...)* ⁶³.

As obras da igreja, após a morte de D. João II (1495) foram continuadas por D. Manuel, o qual *fez ho corpo da Egreja de Sam Francisco de Évora*⁶⁴, estando possivelmente terminadas, segundo a análise que faremos mais adiante, neste capítulo, em 1503. A importância do seu papel no terminar das obras é confirmada pela presença do seu emblema régio no interior da igreja e no portal axial, acompanhado pela insígnia do seu antecessor.

José Custódio Vieira da Silva, estabeleceu as principais fases da obra, considerando que os trabalhos ter-se-ão, possivelmente, iniciado pela cabeceira e pelos braços do transepto, no decorrer do reinado de D. Afonso V, ou com mais probabilidade no de D. João II, para terminarem no de D. Manuel que terá feito o corpo da igreja⁶⁵. Com efeito aquelas duas zonas da igreja (cabeceira e transepto) revelam uma maior antiguidade, em relação às restantes partes da mesma, ao nível da estrutura e decoração, como já fizera notar Mário Tavares Chicó⁶⁶. Na nossa opinião, e no campo das hipóteses, a feitura dos braços do transepto terá cabido ao “ Africano “, pelo uso dum formulário quinto-afonsino, ao nível das mísulas, onde assentam as abóbadas que os cobrem. Esse formulário é evidente na escolha de mísulas prismáticas, providas de ábaco poligonal, de uma afinidade clara, com as já utilizadas no piso inferior do Claustro do Mosteiro da

⁶³ - documento *cit. in* Moniz, Manuel Carvalho, *op. cit.*, p. 14

⁶⁴ - Góis, Damião, *Cronica do Felicissimo Rei D. Manuel*, parte IV, Coimbra, Universidade de Coimbra, cap. LXXXV, p. 231

⁶⁵ - Silva, José Custódio Vieira da, *O Tardo-gótico em Portugal, a arquitectura no Alentejo*, *op. cit.*, pp. 90-96

⁶⁶ - Chicó, Mário Tavares, *O Mosteiro da Batalha e a arquitectura em Portugal, no fim do séc. XIV e no séc. XV*, *op.cit.*, p. 102

Batalha, mandado erigir por aquele monarca. D. João II terá feito a cabeceira e estabelecido o plano da construção do corpo longitudinal. A tipologia daquela, de uma única capela, de parede testeira recta, integra-a num tipo semelhante, surgido no Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja (iniciada em 1456⁶⁷), que depois fará escola ao nível de inúmeras construções religiosas do Tardo-gótico alentejano, no qual a igreja em estudo se integra. D. João teria conhecimento dessa solução, de certo modo inovadora em Portugal, até pelo auxílio que se disponibilizou a prestar a D. Brites (mulher de D. Afonso V) na continuação das obras do supracitado convento, quando aquela enviuvou, em 1481⁶⁸. Para além da cabeceira o Príncipe Perfeito terá traçado o plano do corpo, o qual sabemos ter sido finalizado em tempo de D. Manuel. Segundo as crónicas as obras da igreja em questão, sofreram uma pausa de dez anos, chegado o momento crucial da colocação da cobertura da nave⁶⁹. Esta ficaria a dever-se à fuga do mestre de obras, como adiantam as crónicas, pelo medo de lançar sobre tão amplo vão e paredes tão pouco espessas, a abóbada. Esta informação, se contém muito de lenda, algo conterà de verdade. À semelhança do que se passara com a catedral de Gerona, que sofreu uma paragem de trinta anos (1386-1416), pela indefinição em relação à escolha do número de naves (se uma, se três), hesitação semelhante se pode ter passado com a igreja em estudo, relativamente à escolha da abóbada⁷⁰. Essa interrupção, se a houve, deverá ter acontecido no decorrer do reinado de D. João II, pelo seu envolvimento em assuntos de maior prioridade nacional, como os Descobrimentos, e pelas querelas que se

⁶⁷ - Silva, José Custódio Vieira da, *op.cit.*, p. 51

⁶⁸ - Idem, *Ibidem*

⁶⁹ - Belém, Frei Jerónimo de, *op.cit.*, Parte 1ª, Livro 2º, Cap. V, p.72

⁷⁰ - “ Parece ser que, sin dificultades primero, al finales del mismo siglo XIV estaba ya construido el primero tramo de la ancha bóveda con una sola nave. Pero fue entonces quando surgió el temor de que tan atrevido proyecto de un sola nave pudiera ser peligroso para la integridad del edificio. Hubo ya una primera reunion de arquitectos en 1386 para deliberar sobre dicha cuestión, y fue a principios del siglo XV y en el primero año del pontificado del bispo Dalmau de Mur (1415) cuando se convocó una Segunda junta de arquitectos. La junta era muy numerosa y, como es lógico, el resultado foi contradictorio. A pesar de ello y considerando el parecer favorable de un mayor numero de arquitectos, el Obispo y el cabildo reunidos acordaron por unanimidad la constrution de la bóveda con una sola nave “ cit. in Oliveras, Josep Calzadas, *La catedral de Girona*, Girona, Editorial Escudo de Oro, 1995, p. 28

viu obrigado a resolver com a facção da nobreza que se opôs ao seu governo centralizador. Apesar de desconhecermos a data certa da retoma das obras da cobertura, certo é que esta foi finalizada por D. Manuel, como fazem notar algumas provas quer gráficas, quer documentais. Entre as primeiras conta-se a iluminura da folha de rosto do foral manuelino de 1501, onde no meio da vista panorâmica da cidade de Évora, se destaca a igreja em estudo, a qual se encontra nas obras de finalização da cobertura. A complementar este registo visual, conhece-se a existência dum documento de 1503, publicado por Gabriel Pereira⁷¹, no qual se diz que nesse mesmo ano se havia concluído a colocação do pavimento e a feitura dos retábulos do interior da igreja, trabalhos estes só passíveis de serem feitos, após a conclusão do abobadamento da mesma.

Ainda da época manuelina terá sido a construção da Sacristia e da Sala do Capítulo. Quanto à Sacristia a sua traça manuelina é atestada pela decoração das mísulas, com motivos típicos do ideário manuelino, como cordas e bolas, assim como, pela presença de esferas armilares inscritas nas chaves da abóbada. No que diz respeito à Sala do Capítulo, o mesmo se pode dizer quanto à decoração dos capitéis, onde os motivos referidos, fazem a sua aparição.

Uma última referência deve ser feita à Capela dos Ossos, a qual, deverá ter sido construída, possivelmente, no período filipino, para colocação das ossadas da igreja e claustro⁷².

⁷¹ - Trata-se dum documento relativo ao ordenado de Álvaro Velho, vedor das obras do Mosteiro de S. Francisco, onde se refere: “ e que esteanno todo fizeram ladrilhar a igreja e os retavolos “, o qual foi transcrito por Gabriel Pereira in *Documentos históricos da cidade de Évora*, Évora, 1885, p.6

⁷² - Espanca, Túlio, *op. cit.*, p. 159

5.3 - Sécs. XVII/XVIII

Do reinado de D. João V (1706-1750) data a construção das dependências da Ordem Terceira de S. Francisco⁷³, no prolongamento do braço transeptal Norte. Aquelas ocupavam toda a fachada Norte da igreja, tendo sido parcialmente destruídas, num restauro da DGEMN, em 1937, do qual resultou a colocação à vista do referido portal de gablete, inscrito na mesma fachada⁷⁴.

A partir dos finais do séc. XVII e XVIII os edifícios religiosos de Évora, foram beneficiados com obras no seu interior, nomeadamente, com a construção de retábulos, altares de talha dourada e azulejaria⁷⁵. A igreja em estudo não foi exceção, tendo-se concretizado nessa altura, grande parte da sua decoração interior, o que incluiu: a colocação de altares de talha dourada, em algumas das capelas laterais; o assentamento do retábulo de mármore da cabeceira, patrocinado pelo cónego Landim de Sande, em 1773, o qual implicou a retirada do primitivo retábulo manuelino, atribuível à lavra de Francisco Henriques, no que toca ao conjunto pictórico, e a Oliver de Gand, relativamente à estrutura de talha⁷⁶; a instalação da balaustrada de mármore que delimita as zonas da cabeceira, cruzeiro e capelas laterais; a colocação do altar de talha dourada do braço transeptal Norte (1740), bem como os painéis azulejares, atribuíveis à olaria lisbonense dos pintores Bernardes, que revestem as paredes laterais do mesmo braço (1735).

⁷³ - Idem, p. 161

⁷⁴ - DREMS, *Processo de Obras S 07 05 10/ 17*

⁷⁵ - Teixeira, José Monterroso, *Évora Barroca*, in « Évora, história e imaginário », pp. 63-5

⁷⁶ - Espanca, Túlio, *op. cit.*, p. 148

5.4 – Dos finais do séc. XVIII à actualidade

Com o terramoto de 1755, em poucos minutos pedaços da história de Lisboa, foram reduzidos a cinzas, devido à derrocada de muitos dos seus edifícios. Esse cataclismo fez-se sentir por todo o país, principalmente na zona de Sines e, mais perto de Évora, Montemor-o-Novo. Essa catástrofe foi relatada nas memórias paroquiais de 1758, onde aparecem contempladas as freguesias eborenses da Sé, Santo Antão, S. Mamede e Santiago⁷⁷. A cidade de Évora, não foi muito antigida, à parte alguns estragos pontuais, em edifícios de elevado valor histórico. Dentre essas referências, encontramos uma alusão aos danos causados na igreja de S. Francisco, na qual se destaca a fendilhação da abóbada da nave e a ruína da cobertura da cabeceira, reposta dois anos volvidos daquela tragédia⁷⁸. Depois deste nefasto acontecimento, a igreja caiu no olvido, vendo a sua situação agravada pela invasão das tropas napoleónicas em 1808, as quais, segundo uma descrição contemporânea: *rebentaram a porta principal do templo, a golpes de machado e assentaram, contra ela, uma peça de artilharia, que não chegou a disparar. Espoliaram todas as imagens dos interessantes ornatos de ouro e prata*⁷⁹.

Após a secularização, em 1834, a igreja foi fechada ao culto, tendo entrado, a par com as restantes partes do Convento, num irremediável ruína. Pela Portaria de 1840, foi autorizada a transferência da freguesia de S. Pedro, para esta, a qual foi reaberta ao culto. Organizou-se, então, uma comissão liderada pelo pároco, da altura, António Ascensão Teles, destinada a salvar a igreja. Entre 1860 e 1862, após a recolha dos necessários fundos, a realização das obras foi acometida ao arquitecto inglês Jonh

⁷⁷ - As memórias paroquiais das referidas freguesias, existentes no *Dicionário geográfico*, vol. 14 do Arquivo da Torre do Tombo, foram transcritos por Maria Ludovina Grilo e publicadas no Boletim « A cidade de Évora », nº 1, II série, 1994-5, pp. 119-149

⁷⁸ - Grilo, Maria Ludovina, *op. cit.*, p. 135

⁷⁹ - Esse relato da autoria do Padre Joaquim da Silva (Évora Lastimosa, 1809-14), é transcrito por Túlio Espanca no artigo denominado *Évora na invasão francesa de 1808* e publicado no Boletim « A cidade de Évora », nº 39, Évora, Câmara Municipal de Évora, Janeiro de 1957, p. 87

Bouvie Jr., ao qual cabia, como consta na escritura do contrato realizada entre aquele e a dita comissão: *o completo reparo e conserto interno e externo de todo o templo de S. Francisco e suas dependências*⁸⁰. Citemos algumas dessas obras:

- (...) *Que a aboboda toda do corpo da Igreja será picada, incascada, com hidro-argamassa, e rebocada depois guardando-se o mesmo formato e gosto do que ali existe e as paredes laterais reformadas e limpas e substituída toda a cantaria danificada que houver no templo por outra que seja não só da mesma espécie da que vai substituir-se, mas escolhida de côr de modo a não fazer destaque frizante com a que haja de ficar-lhe contígua (...).*

- (...) *Que a Capela – Mor será também toda picada e metida a estuque e pintada fingindo mármore e no tecto serão dourados e renovados os floroens e ornatos, que ali existem e os intervalos estucados e detalhados (...).*

- (...) *Que as capelas laterais tanto do corpo da Igreja como do cruzeiro sejam igualmente consertadas e preparadas ficando no antigo gosto, com o resto do Templo, as que assim se conservão, e no gosto moderno com estuque e pintura, as que ora se acham nessa forma sendo porém renovadas as cores, que atualmente tem ou metidas outras mais apropriadas (...).*

- (...) *Que todo o ladrilho do corpo da Igreja será substituído por novo e de boa qualidade. E bem mais fará o Emprezário demolir a base da tribuna que se acha na parede da Igreja do lado da Epístola fazendo correr nesse lugar parede e abrindo janela em tudo igual e correspondente à que lhe fica na parede fronteira (...).*

- (...) *Que o ladrilhado do terrasso da Capela-Mor e o mais que em qualquer outro lugar haja de fazer-se será todo novo, e com adobos quadrados para reduzir quanto*

⁸⁰ - Este contrato é transcrito na íntegra por Manuel Carvalho Moniz na obra denominada: *O Convento e a igreja de S. Francisco de Évora*, Évora, op. cit., pp. 63-67

possível o número de juntas que seram betumadas a cimento hidráulico. E na parte externa do edificio o Emprezario fará o conserto radical dos telhados, seus algerozes e canais reais aonde seja possível e conveniente fazer-se: entendendo-se por conserto radical primo: levantamento de todo o telhado que cobre a Egreja e Capellas laterais e com muita especialidade o da agua ou plano do lado Norte;

- (...) Demolição das divisórias do corpo da Egreja com as capellas laterais quanto seja necessario para prolongar os telhados do corpo da Egreja afim que despejem directamente sobre o das capelas por uma abadura de conveniente sacada, suprimindo por este modo o actual algeroz (...).

- (...) Consertos e reparações necessárias nos ornatos, que decoram o templo externamente e fará de novo os que faltarem para a conveniente harmonia. E também fará picar e rebocar de novo todas as paredes externas ficando no mesmo gosto antigo e com que ora estam as paredes do tecto do corpo da Egreja na parte interna (...).

- (...) Que fará de novo a Torre dos Sinos, com a elevação de três metros além do espigão do telhado da Egreja com os umbrais em formato de colunas e sendo forrados de cantaria os vãos para os sinos e tudo com a segurança e solidez que exige tal obra (...).

Os trabalhos enunciados foram acompanhados pelo Director das Obras Públicas e pelos membros da referida comissão, tendo sido o resultado positivo. Das obras efectuadas destacam-se a reparação dos revestimentos exteriores e interiores do edificio, o restauro das coberturas da cabeceira, nave e capelas laterais, o refazimento do pavimento da nave, a construção duma torre sineira, em substituição do primitivo campanário que aparece figurado no desenho da capa do foral manuelino de 1501, arruinado pelo

terramoto de 1755 (o qual estava mais de acordo com despojamento exterior das edificações mendicantes).

Volvidos dois anos da conclusão das obras, a Carta de Lei, de 25 Junho de 1864, estipulava que *se abra uma praça que desaffronte a entrada do templo e a afformoseie*⁸¹, incumbindo-se na mesma altura a Câmara de realizar, num prazo de três anos, obras de restauro e remodelação dos restos do Palácio e Convento de S. Francisco, as quais foram entregues ao architecto-cenógrafo Giuseppe Cinatti, o qual se encontrava na cidade para proceder ao ajardinamento do Jardim Público. Ainda antes da aprovação do projecto de Cinatti, para as referidas obras, o Engenheiro das Obras Públicas, promoveu as operações de *desanfrontamento* do templo, as quais implicaram a demolição do fecho, renascentista, do Aqueduto da Água de Prata, que terminava, exactamente, junto à galilé da igreja em estudo. Depois dessa acção demolidora, cuja análise faremos mais adiante (Capítulo das intervenções) Cinatti foi chamado a recompor a galilé, desvirtuada pelas referidas operações. A obra foi concedida por empreitada, ao mestre de obras municipais e a um auxiliar *obrigando-se estes a construirem o cunhal e o arco do lado Sul do adro, simétrica e igualmente, ao do lado Norte, seguindo ambos para este trabalho, exclusiva e rigorosamente, a direcção esclarecida do Sr. Cinatti.*⁸².

A construção da praça (1865 – 1870), para além do exposto, ocasionou, ainda, movimentos de terras na envolvente do edificio, que colocaram em desequilíbrio a própria estrutura da igreja, como assinala uma inspecção feita em 1884, pelo engenheiro civil Augusto da Silva Monteiro: *As paredes exteriores estão fugidas da aprumada,*

⁸¹ - Diário do Governo, nº 154 de 25 de Junho de 1864 (Carta de Lei). Esta medida prendia-se com uma nova estratégia municipal de renovação urbana, de carácter higienista, de que resultou a criação do passeio público, precisamente nos terrenos dos antigos jardins do Palácio Real de S. Francisco. A construção desse parque implicou, indirectamente, a transformação radical de toda a parte antiga da cidade antiga, contígua à igreja de S. Francisco.

⁸² - citado em Leal, Joana Esteves da Cunha, *Giuseppe Cinatti (1808 – 1879): percurso e obra*, dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1996.

*para o lado de fora, sendo essa alteração mais sensível no poente que do lado nascente*⁸³, o que ocasionou fendas na fachada, as quais, segundo o mesmo relatório, resultavam, também, da derrocada parcial do Convento anexo, que escorava as paredes laterais da igreja.

Entretanto, perante o seu avançado estado de ruína, a Câmara vende, em hasta pública, os restos do Convento e Palácio, ao Dr. Francisco de Barahona. A autorização para a venda daqueles, vem estipulada na Carta de Lei, de Maio de 1892: *É autorizada à Câmara Municipal do Concelho de Évora, a vender, segundo os preceitos legais, os restos da cerca e edificio do extinto Convento de S. Francisco*⁸⁴.

Seguindo as indicações dadas pelo relatório de 1884, Barahona, promoveu, a expensas próprias, às reparações necessárias na igreja, como o refechamento das fendas da frontaria, as quais estiveram a cargo dos mestres Olímpio Coelho e José Maria Costa⁸⁵. Também por iniciativa daquele, se procedeu à demolição das ruínas do Convento (1894-95), construindo-se, em seu lugar, o casario ora existente.

As acções de conservação depois empreendidas, naquilo que restava do Convento, deveram-se à acção da DGEMN, num período compreendido entre 1937 e a actualidade, com uma frequência anual ou bianual, que muito contribuiu para a sua estabilização. Apresentamos de seguida as principais intervenções, levadas a efeito, por aquela instituição, na igreja em estudo, segundo a sua ordem cronológica⁸⁶.

⁸³ - Monteiro, Adriano Augusto, *Relatório da inspecção, feita em Maio de 1884, ao estado de conservação do templo de S. Francisco de Évora*, in « Sul », n° 378, Setembro de 1884

⁸⁴ - Diário do Governo, n° 97 de 2 de Maio de 1892 (Carta de Lei)

⁸⁵ - Espanca, Túlio, *Inventário Artístico, op.cit.*, p. 147

⁸⁶ - DREMS, *Processo de obras S 07 05 10/ 17*

Intervenções da D.G.E.M.N.

1937

- Consolidação da abóbada da nave, o que incluiu a demolição das paredes de alvenaria, em divisórias, do telhado da mesma
- Construção de uma cintagem de betão armado na estrutura geral do telhado
- Reconstrução do telhado sobre betonilha e substância hidrófuga
- Demolição dos rebocos da galilé, com assentamento de pedras de cantaria, nos contrafortes e consolidação da abóbada
- Reparação geral das ameias, caixilharias da igreja e construções anexas
- Demolição dos anexos Norte
- Reconstrução geral de pavimentos de tijolo na nave e anexos da igreja

1955

- Reconstrução dos telhados da Sacristia, capela dos Ossos, transepto esquerdo e anexos
- Limpeza e reparação geral de telhados da nave, na capela de S. Joãozinho e na casa junto à sala do Capítulo
- Refechamento de juntas em terraços
- Construção de uma cintagem de betão armado para consolidação da abóbada da nave e reparação das fendas da mesma
- Retoque de pintura artística no tecto da capela dos Ossos

1956

- Limpeza e reparação de parte do telhado da nave da igreja, fornecimento e assentamento de caixilhos na cobertura da Sacristia

1956

- Continuação da reconstrução dos telhados da Sacristia e Capela dos Ossos
- Limpeza e reparação geral de telhados (com telha romana) junto à Sala do Capítulo

1958

- Continuação da reconstrução dos telhados, com assentamento de telha romana, da Capela dos Ossos e da Sala do Capítulo

1960

- Limpeza e reparação geral de telhados
- Sala da Catequese (no 2º piso): assentamento de pavimento em tijoleira, reparação de portas e construção do telhado
- Reconstrução de rebocos e caiações na fachada Nascente da Rua da República
- Assentamento de vidros, em caixilhos, e vitrais

1962

- Limpeza e reparação dos telhados da nave, capelas e anexos
- Reparação da porta da Capela de S. Joãozinho

1963

- Continuação da reparação dos telhados da nave, capelas e anexos
- Fixação de janelas da galeria superior, sobre as capelas laterais
- Isolamento de terraço, com produto asfáltico
- Construção de sanitários (no interior)

1965

- Limpeza e reparação de telhados
- Reconstrução de rebocos e caiação, na abóbada e paredes da ábside
- Reparação e pintura, o óleo com três demãos, de duas portas do transepto

1966

- Limpeza e reparação de telhados
- Reparação de coberturas em terraço e refechamento das juntas com argamassa hidráulica e isolamento com produto asfáltico, evitando a infiltração de águas pluviais no interior da igreja
- Limpeza e caiação das paredes exteriores da capela de S. Joãozinho

1969

- Capela dos Ossos: demolição e reconstrução de pavimentos e rebocos interiores

1973

- Capela de S. Joãozinho: demolição da cobertura, construção de cintas de betão armado para travação do telhado, reconstrução da cobertura em telha romana e de canudo, assente sobre lajes de betão pré-esforçado e isolamento com produto asfáltico
- Assentamento de porta nova e gradeamento para o Largo 1º de Maio, regularização do pavimento na entrada da nave da igreja
- Limpeza geral de telhados, caiação das paredes exteriores, interiores e abóbadas da Capela de S. Joãozinho
- Pintura de caixilhos e gradeamentos

1974

- Salas do segundo piso: execução de tectos de betão pré-esforçado, assentamento de pavimento de tijoleira, limpeza e reparação de telhados, reconstrução de rebocos e caiações
- Claustro: execução de massame de betão pobre, no extradorso da abóbada, a fim de se evitar a infiltração das águas pluviais
- Reparação de pinturas em portas exteriores

1975

- Sacristia e dependências anexas: reparação e limpeza de telhados e gárgulas, reconstrução de rebocos, reparação das fendas existentes, com “ gatos “ de betão, em paredes e abóbadas
- Construção de um lintel de betão armado para consolidação da verga do vão de acesso à torre
- Execução de pavimento de tijoleira na sacristia e transepto, compreendendo arranque do existente
- Pintura, a óleo, de portas e caixilhos na sacristia, fachada lateral, piso superior, porta principal e anexos

1977

- Claustro: construção de paredes de alvenaria para tapamento e consolidação dos rombos, construção de revestimento e isolamento, com produto asfáltico, do terraço em tijoleira, assentamento de colunas de mármore, em falta, nas arcadas, assentamento de bases e capitéis existentes, reconstrução dos rebocos da abóbada
- Assentamento de vidros na igreja
- Torre: fornecimento de cabeçote de sino, vidros e caixilharia, pintura com tinta de óleo destas últimas, caiação das paredes

1978

- Limpeza de gárgulas, caleiras e algerozes nos telhados da nave
- Limpeza de coberturas em terraço
- Assentamento de vidros em caixilhos

1979

- Limpeza e reparação geral dos telhados
- Limpeza e reparação da cobertura em terraço da galilé, de forma a evitar-se a infiltração de águas pluviais que danificam os rebocos da abóbada da mesma
- Limpeza e desentupimento de gárgulas no corpo da igreja, ábside e galilé
- Substituição do pavimento de tijoleira da nave, o qual se encontra em mau estado
- Refechamento de fendas da fachada lateral e abside e reforço com “ gatos “ de betão
- Reboco e caiação de fachadas da igreja
- Pintura a óleo de portas e caixilhos

1980

- Limpeza de telhados, caleiras e gárgulas da igreja e anexos
- Sala de acesso à capela dos Ossos: fixação de nervuras das abóbadas, com “ pernos “ e “ gatos “ metálicos, reconstrução de rebocos salitrosos e caiações
- Substituição de vidros em caixilhos da igreja

1981

- Limpeza de telhados, caleiras e gárgulas da igreja e anexos
- Reconstrução de rebocos salitrosos, caiação do interior e exterior da igreja
- Assentamento de caixilhos em vários pontos

1983

- Reparação de fendas existentes numa capela, empregando “ gatos “ de betão
- Limpeza de telhados que, anualmente, são danificados por pombos
- Construção de uma porta no vão de acesso à galeria superior, situada no terraço da galilé, de forma a evitar-se a entrada de pombos
- Capela de Nosso Senhor Jesus: caiação das abóbadas e paredes interiores, sujas pelo fumo das velas

1985

- Reconstrução de telhados, em estado de ruína, junto à sacristia
- Reparação de telhados e limpeza das gárgulas, caleiras e algerozes da capela do Calvário
- Limpeza dos restantes telhados
- Reparação da cobertura em terraço do claustro e isolamento da mesma, com produto asfáltico

- **Reparação da cobertura em terraço do claustro e isolamento da mesma, com produto asfáltico**
- **Reparação de vitrais na cabeceira e frontaria**
- **Assentamento de vidros em caixilhos, em vários pontos da igreja**
- **Reconstrução de rebocos salitrosos na sacristia**

1987

- **Remoção de quadros, no transepto e capela lateral, para restauro no Instituto José de Figueiredo**
- **Capela de S. Joãozinho: substituição do pavimento em tijoleira, em estado de ruína, isolamento, do extradorso da cimalha, do portado exterior, reparação da porta exterior, com fixação de aro e pintura a óleo, caiação de paredes e abóbadas**
- **Reconstrução de rebocos salitrosos e caiação da galilé**
- **Substituição do pavimento de tijoleira da nave**
- **Reparação de todos os telhados, gárgulas, caleiras e algerozes**
- **Reparação do pavimento de soalho de madeira, com reassentamento de barrotes, numa capela e do transepto**
- **Levantamento, para posterior restauro e recolocação dos painéis de azulejaria das capelas de Santo António e de S. Francisco, bem como da sala que antecede a capela dos Ossos**

1996

- Limpeza e reparação geral da estrutura do telhado
- Limpeza dos terraços em tijoleira, que inclui refecimento de juntas e tratamento impermeabilizante
- Reconstrução de rebocos, de argamassa de cal, ao traço 1:3, nos coruchéus que decoram, exteriormente, a igreja
- Limpeza e recuperação de merlões
- Remoção da parte superior do altar-mor, em madeira, que se encontrava em perigo de ruína e das peças que ruíram e que se encontravam no pavimento

1997

- Claustro: pavimentação com rede de drenagem de águas pluviais, lavagem das cantarias existentes, reparação e caiação da fachada de acesso ao mesmo, remoção e armazenamento de peças arqueológicas aí existentes
- Colocação de três portas no terraço da galilé, na escada de caracol de acesso às galerias sobre as capelas laterais e na sala do Capítulo
- Galilé: reparação e pintura da caixilharia, em madeira, da porta principal, reparação de rebocos e caiação nas paredes e tecto, lavagem, com limpeza, das cantarias existentes
- Continuação dos trabalhos de recuperação dos merlões, que decoram o exterior do templo
- Caiação dos anexos norte da igreja em leite de cal branca

- Reparação de rebocos, em diversas zonas do exterior do templo, para posterior caiação com cal de obra
- Restauro dos vitrais existentes
- Restauro das pinturas murais, dos tectos e paredes da Sala do Consistório da Ordem Terceira, com consolidação de argamassas ao suporte, refecho de fissuras, preenchimento de lacunas, fixação e reintegração cromática

1998

- Restauro das pinturas murais, existentes na fachada norte, que inclui: remoção das camadas de cal que as cobrem, limpeza e consolidação das argamassas de suporte, preenchimento de lacunas com argamassa compatível, fixação das pinturas e desinfestação
- Restauro das pinturas murais do tecto da capela dos Ossos, que envolve: limpeza e remoção de sais, consolidação das argamassas de suporte e preenchimento de lacunas

1999

- Reparação dos revestimentos exteriores (rebocos, “ esgrafitado “ e caiações) que compreende: picagem de rebocos, encasque e regularização em diferentes camadas, em argamassa de cal de obra e areia, ao traço 1:3. O acabamento do reboco será executado, segundo a técnica do “ esgrafitado “, após as camadas de encasque e emboço. O aspecto final daquele deverá ser igual ao já existente, que se pode observar, ainda em estado razoável, em diversos pontos do exterior.

Uma última camada de reboco deverá ser executada por painéis de forma regular, sendo executada sobre ela e a fresco um acabamento com pasta de cal parda e água, afagado a costa de colher

- **Reparação do altar de talha dourada do transepto norte**
- **Recolocação de vitral numa das janelas do trifório, do lado sul**
- **Substituição da porta em madeira de casquinha, que estabelece o acesso do exterior ao claustro, por outra em ferro e vidro**

2000

- **Continuação da reparação dos revestimentos exteriores**
- **Reparação dos merlões, incluindo escovagem, fixação e reboco de cal de obra e areia, ao traço 1: 3**

2001

- **Continuação da reparação dos revestimentos exteriores**

CAPÍTULO VI

INFLUÊNCIAS FORMAIS

A igreja em estudo constitui uma obra singular, conjugando em si, influências diversas, cujo cômputo final resulta num todo simultaneamente complexo e harmonioso. Harmoniosamente complexa e perturbadoramente interrogativa, eis como esta igreja se afigura ao historiador de arte, mesmo o mais incauto. Nunca é demasiado reiterar essa complexidade, mesmo sabendo que muitos autores já o fizeram, nomeadamente, com pioneirismo, Mário Tavares Chicó: *S. Francisco é um monumento único, profundamente original, devido às novidades que introduz no país e ao modo como as conjuga com as fórmulas tradicionais*⁸⁷.

Na procura das, prováveis, fontes de influência da igreja franciscana, muito se deve a José Custódio Vieira da Silva, o qual fez o primeiro estudo profundo com esse objectivo, a partir da comparação da planta e volumes daquela igreja, com outras igrejas góticas, quer do contexto nacional, especialmente alentejano, quer do europeu, nomeadamente da Catalunha e do Midi francês⁸⁸.

Apesar desta temática não constituir o objectivo principal do nosso estudo, cedo nos prendeu a atenção e despertou a curiosidade. Esses os motivos que nos impeliram a percorrer a Catalunha, nomeadamente Barcelona, e o Sul de França, especificamente, Gerona, Perpignan e Toulouse. A prescrutar algumas paragens no Alentejo. O nosso ponto de partida foi o nosso ponto de chegada, porque, ao invés, de desfazermos as interrogações, adensámos as dúvidas. De facto, a arquitectura do conhecimento nesta área, é, no presente estado da investigação, lacunar, sendo premente o preenchimento com novos contributos.

⁸⁷ - Chicó, Mário Tavares, *O Mosteiro da Batalha e a arquitectura gótica em Portugal, no fim do séc. XIVe no séc. XV*, op. cit., p. 105

⁸⁸ - Silva, José Custódio Vieira da, *O Tardo-gótico em Portugal, a arquitectura no Alentejo*, op.cit.

A elaboração deste capítulo resultou do confronto entre as opiniões dos autores supracitados, especialmente Vieira da Silva, e a realidade dos monumentos, por nós observados, nas deslocações que levámos a cabo.

A igreja em estudo é um dos monumentos que melhor sintetiza as características fundamentais do Tardo-gótico alentejano, o qual se desenvolveu, na opinião de Vieira da Silva, aproximadamente, entre 1459 e 1556⁸⁹. Sem queremos aprofundar aqui a problemática em redor deste período, nem a sua caracterização, podemos dizer que as suas especificidades, na zona alentejana, se devem à integração daquela no espaço mais alargado do Mediterrâneo (Catalunha e o Sul francês), e a uma vivência, por razões histórico-culturais, mais apegada à influência da arte mudéjar. A análise da planta e dos alçados da igreja em estudo, denota o peso dessas duas grandes influências. Se por um lado, a escolha duma nave única, com capelas laterais entre os contrafortes, filia o templo franciscano na planimetria adoptada pelas igrejas góticas mendicantes da Catalunha e do Midi francês, por outro lado, em termos de alçado, se comunga, igualmente dessa influência, na procura de simplicidade e robustez, conjuga com ela caracteres especificamente mudéjares, que analisaremos mais adiante.

A planta e a volumetria da igreja em estudo, levanta ainda, algumas questões interessantes, sobretudo se pensarmos na sua diferença, relativamente às igrejas mendicantes construídas, no nosso país, até então; à forte influência que a igreja franciscana irá ter nas edificações do Tardo-gótico alentejano; por fim, no anúncio dum tipo de planta, que terá larga projecção, através da Companhia de Jesus, num período bastante posterior, que nos reporta ao Maneirismo, de que a igreja do Espírito Santo, de Évora, é um exemplo eloquente.

⁸⁹ - O autor, na obra citada, estipulou como balizas temporais o ano da fundação da igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja (1459), que assinala a introdução do Tardo-gótico no Alentejo, e a data da conclusão das obras da igreja matriz do Vimieiro (1556), a qual, numa época em que o Renascimento já triunfara por todo o País, mantinha, ainda, estruturas do gótico final.

Aquando da renovação da igreja de S. Francisco, pensamos nós, entre os finais do séc. XV e inícios do séc. XVI, *uma das vias fundamentais da Península, era a que ligava Valência a Portugal, ficando Évora no seu itinerário. Por essa via Portugal ligava-se não só a Toledo, como a Valência e, por esta, a Barcelona e todo o sul da Europa*⁹⁰. Esta ligação terrestre fomentou relações comerciais, mas também o intercâmbio cultural e artístico, nomeadamente no campo da arquitectura (fig. 6.1).

A tipologia arquitectónica inspiradora da igreja em estudo, surgiu, inicialmente, no Midi francês, em aberta discordância com o Gótico das catedrais da Île de França. O surgimento naquela zona, mais presa às tradições românicas, desse *outro* Gótico, respondeu às necessidades de renovação monástica, assente na palavra e na pregação, tão caras aos frades mendicantes, nascidas da luta contra a heresia emergente naquela região e encontrou no partido da nave única e na amplitude espacial a sua realização, em termos arquitecturais. O exemplo mais marcante dessa tipologia é a catedral de Santa Cecília de Albi, perto de Toulouse (1282-1383) (fig. 6.2). Do sul de França essa tipologia passou à Catalunha, materializando-se em exemplos eloquentes, como a catedral de Gerona (iniciada em 1312) (fig. 6.3) e a igreja paroquial de Santa Maria del Pino, em Barcelona (1320-1391) (fig. 6.4).

As nossas incursões pelas supracitadas zonas, permitiram-nos concluir, como já fizera Vieira da Silva, se tratarem de focos de influência incontestáveis, da igreja de Évora, sobretudo ao nível da concepção dum espaço único, *ad aula*, com capelas anichadas nos contrafortes, possibilitando, por outro lado que analisássemos as diferenças, que apartam a igreja em estudo, daquelas. Essas diferenças são assinaláveis a vários níveis, nomeadamente, na disposição das capelas laterais, que em S. Francisco ladeiam apenas a nave, enquanto que naquelas se prolongam, em redor, da cabeceira. Também a

⁹⁰ - Braudel, Fernand, *La Méditerranée et le Monde Méditerranée, à l'époque de Philippe II*, vol.I, Paris, Armand Colin, 1966, p.256

cabeceira apresenta diferenças, sendo aquelas providas, na sua maioria, por uma capela poligonal (caso de Albi) ou circular (como sucede em Gerona e em Santa Maria del Pino), ao invés da capela de Évora, de parede de testeira recta. Essa diferença resulta da influência, sobre aquela exercida, de algumas construções do Tardo-gótico alentejano, como a igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja (1459-1473) introdutora desse partido original, no Sul alentejano.

Ainda ao nível da planta, a igreja em estudo, referencia outras diferenças, que não podem passar despercebidas, em relação às igrejas francesas e catalãs. Uma das diferenças fundamentais é a presença do transepto, o qual é inexistente naquelas e nas igrejas alentejanas. Porquê a presença do transepto em S. Francisco, assume-se como uma pergunta necessária. Será um sobrevivência do tipo de construções mendicantes, que se levantaram em Portugal, no período imediatamente anterior à igreja em estudo ? Se é uma sobrevivência como se explica a sua aparição, precisamente, num templo, em que a planta, nos restantes aspectos, é tão inovadora ?

Outro dos aspectos em que o templo franciscano se aparta das suas congéneres do Sul europeu, é na abóbada de berço quebrado, com penetrações, que cobre a nave, ao invés daquelas onde a cobertura é, quase sempre, de cruzaria de ogivas (fig. 6.5). Com efeito a originalidade da cobertura de S. Francisco e a temática das suas influências, constitui uma questão em aberto na historiografia nacional, pese embora os contributos, nesse sentido, de Mário Tavares Chicó e Jorge Henrique Pais da Silva. Para o primeiro este tipo de abóbada aparece noutros países da Europa, como Inglaterra e Alemanha, podendo também constituir uma simplificação das abóbadas nacionais do gótico do séc. XIV, como a da igreja de S. João Evangelista de Évora⁹¹. Para o segundo a questão avoluma-se e complexifica-se: *é legítimo ver no sistema adoptado o termo de evolução*

⁹¹ - Chicó, Mário Tavares, *op.cit.*, p. 111

*autónoma, de um esquema próximo que surge em outros edifícios do Centro e Sul do País ou, pelo contrário, podemos encarar a Igreja de S. Francisco como ponto de convergência do Gótico do Norte e do Sul da Europa ?*⁹². Já Custódio Vieira da Silva acentuou as suas características nacionais, como o uso da alvenaria de tijolo (de tradição mudéjar) e a cadeia longitudinal, própria das construções góticas portuguesas⁹³. Sem querer resolver a questão, o que nos parece é que a sua utilização, numa época em que a tendência geral em Portugal é o recurso a abóbadas rebaixadas, pode ter que ver com o amplo espaço a cobrir, oferecendo a cobertura em questão maior segurança relativamente àquelas.

Reiterando o que dissemos atrás neste capítulo, a procura de simplicidade e robustez, ao nível dos alçados, num edifício que nada tem de diáfano, insere-se na mesma linha de influências exercidas na escolha da planta, mais marcante, ainda, no objecto em estudo pela influência, nesse sentido, da sensibilidade mudéjar, que se manifesta, para além dessa procura, em outros aspectos, como na utilização de ameias chanfradas na decoração exterior da igreja e no recurso a arcos de ferradura, de que são exemplos os inscritos na galilé.

A simplicidade e robustez observadas nas igrejas francesas e catalãs, foi na igreja em estudo, levada ao extremo, o que se torna evidente nas superfícies lisas das fachadas laterais, conferindo-lhe grande originalidade, como já fizera notar Mário Tavares Chicó. Essa austeridade foi conseguida pela supressão de qualquer referência exterior aos contrafortes e às capelas laterais e numa independência, quase total, entre a massa envolvente e a construção interior. Se analisarmos os alçados laterais de Santa Maria del Pino, em Barcelona (fig. 6.6), da Catedral de Gerona (fig. 6.7) e da catedral de Santa

⁹² - Silva, Jorge Henrique Pais da, *Estudos sobre o Maneirismo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1983, p. 205, nota 1

⁹³ - Silva, José Custódio Vieira da, *op.cit.*, p. 103

Cecília de Albi (fig. 6.8), notamos que os contrafortes onde se anicham as capelas laterais, são acusados exteriormente.

Também nas igrejas francesas e catalãs por nós observadas, não encontramos nenhuma galeria fechada, sobre as capelas laterais, como sucede em S. Francisco, a qual funciona como um arcobotante contínuo assente nos já referidos contrafortes interiores. Nem tão pouco encontrámos o mesmo tipo de iluminação, a qual, no caso da igreja em estudo, provém, essencialmente, do janelão da frontaria, enquanto que naquelas se faz lateralmente, por intermédio das frestas que se rasgam nos dois andares dos alçados laterais.

Em suma a igreja em análise recebeu essencialmente três tipos de influências: mediterrânica, ao nível da panta e dos alçados; mudejar, no que, também, diz respeito aos alçados; nacional, no que diz respeito à adopção da parede testeira recta da cabeceira, introduzida na arquitectura religiosa do Alentejo, pela igreja de Nossa Senhora da Conceição de Beja. Constituiu, portanto, a igreja franciscana, um receptáculo de influências diversas, que tão bem sintetizou, para se transformar, com o tempo, num modelo a seguir, congregando, à sua volta, os mais importantes espécimens do Tardo-gótico alentejano. Pelas razões enunciadas, assume-se de capital importância a continuidade da investigação na resolução da questão das influências, muito longe de se encontrar terminada.

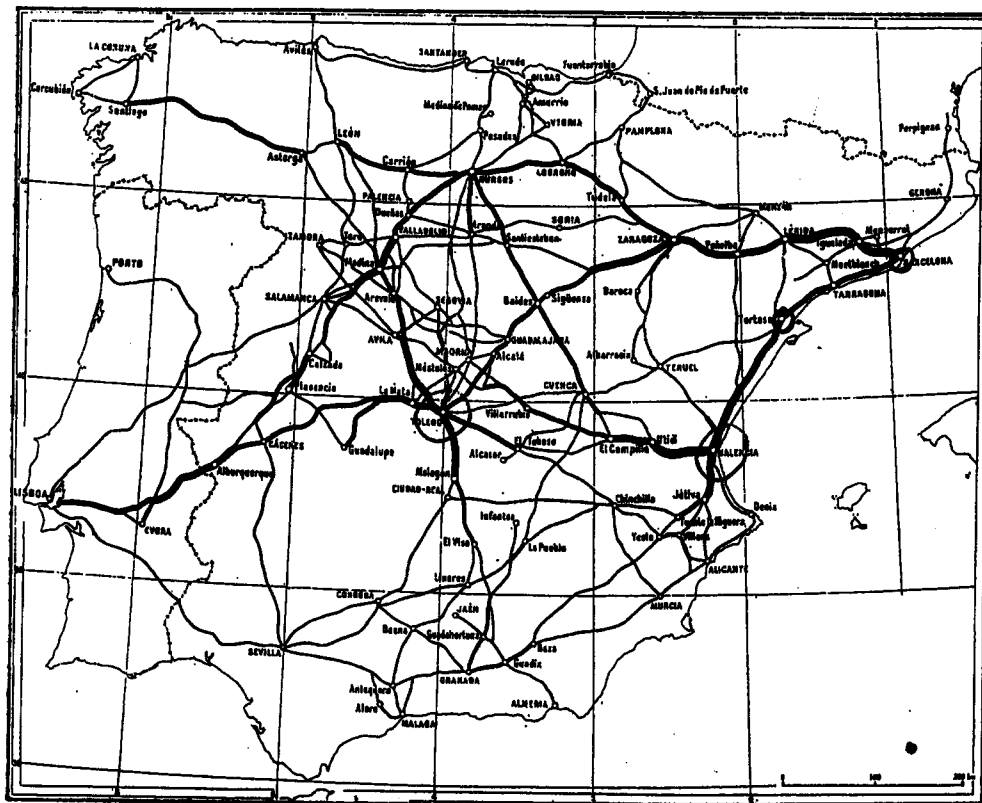


Fig. 6.1 – Mapa das rotas ibéricas em 1546 (do livro de Silva, José custódio Vieira, *O Tardo-gótico em Portugal, a Arquitectura no Alentejo, op. cit., p. 33*)

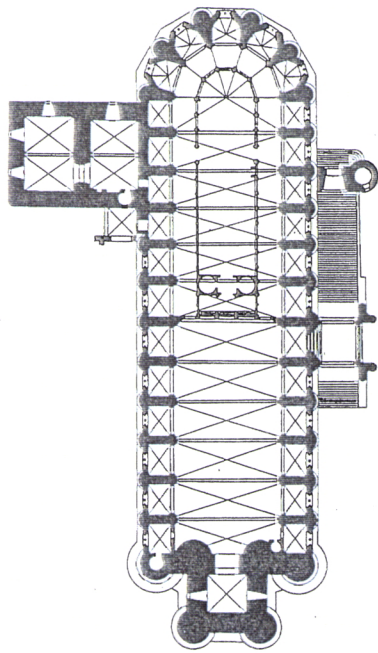


Fig. 6.2 – Planta da catedral de Santa Cecília de Albi

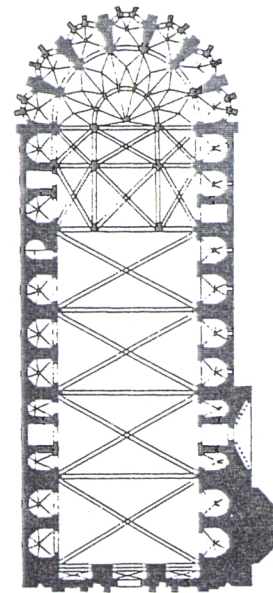


Fig. 6.3 – Planta da catedral de Gerona

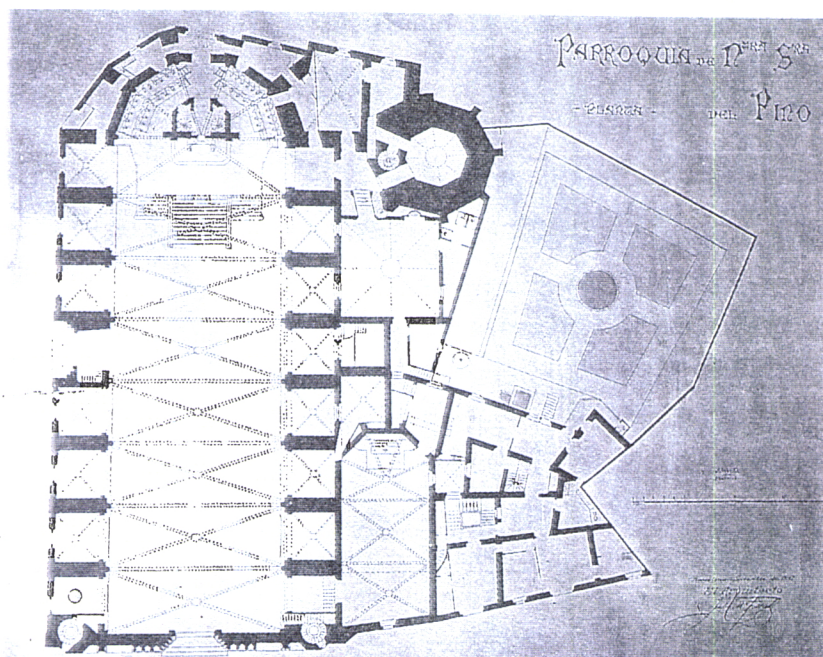


Fig. 6.4 – igreja paroquial de Santa Maria del Pino, em Barcelona



Fig. 6.5 – Tecto da catedral de Santa Cecília de Albi



99 Fig. 6.6 – Alçado Norte da igreja de Santa Maria del Pino, em Barcelona

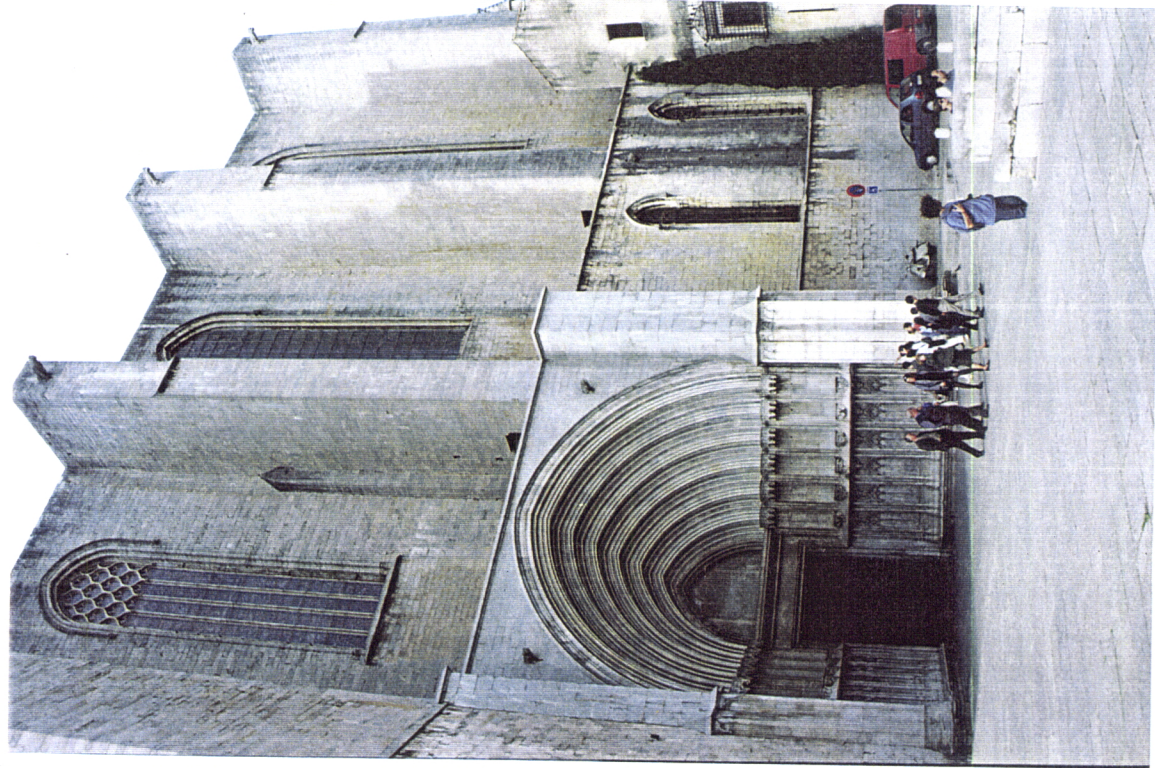


Fig. 6.7 – Alçado Sul da catedral de Gerona



Fig. 6.8 – Alçado Sul da catedral de Santa Cecília de Albi

CAPÍTULO VII

MESTRES DE OBRAS

No decorrer desta dissertação, por várias vezes, assinalámos o empenho dos monarcas da Dinastia de Avis, nomeadamente D. Afonso V, D. João II e D. Manuel, nas obras de reconstrução da igreja em estudo, entre os finais do séc. XV e alvares do séc. XVI, deixando na penumbra os nomes daqueles que realmente a construíram, ou seja, dos mestres de obras. No desvelar dessa “ autoria “, tivemos que lutar com grandes obstáculos, especificamente, com a parca alusão que lhes é feita ao nível da documentação histórica, o que torna, praticamente, inatingível, a atribuição, a cada um daqueles, da sua “ quota-parte “ na factura da obra. Mesmo quando encontrámos documentação àqueles alusiva, o nosso objectivo, via-se, novamente inviabilizado, pela confusão entre as obras do Convento e as do Palácio Real. Com todas as limitações inerentes à nossa ingrata tarefa, apontaremos alguns nomes, resultantes do confronto entre a escassa documentação e algumas das soluções perfilhadas na igreja em estudo. Sublinhemos, contudo, que este capítulo resulta dum esforço de interpretação, assente no terreno pouco firme das hipóteses e, portanto, passível de ser contestado por futuros contributos.

Considerando que as obras de renovação da igreja, ter-se-ão iniciado, segundo a análise por nós já efectuada, aproximadamente, entre os finais da década de setenta do séc. XV e os princípios de Quinhentos (1503), permite-nos supor a intervenção de alguns mestres, cujo envolvimento nas obras do Palácio real parece incontestável, bem como o desenvolvimento da sua actividade em Évora, nesse mesmo período de tempo. O primeiro a referir será Lourenço Gonçalves, provido no lugar de pedraria do Palácio, pelo “ Africano “, a 7 de Fevereiro de 1480, apesar da inexistência duma alusão directa



à sua intervenção nas obras do templo. O que a documentação refere é que aquele trabalhou no Palácio, recebendo a carta de nomeação no reinado do monarca supracitado, a qual foi confirmada pelos seus sucessores D. João II, em 1482, e D. Manuel, em 1496⁹⁴.

Outro dos mestres de pedraria, ligado às obras palacianas foi Affonso de Pallos, de origem andaluza, morador na cidade de Évora. O provimento no cargo efectuou-se em 1490, por carta de privilégio doada por D. João II⁹⁵. Segundo Sousa Viterbo, este mestre foi o antecessor de Martim Lourenço, referido, por alguns autores, sem prova documental, como interventor das obras da igreja⁹⁶. A suposta intervenção de Affonso de Pallos, ganha alguma verosimilhança, por se tratar dum mestre espanhol e por ter trabalhado na catedral de Sevilha, o que explicaria algumas das notas mudéjares adoptadas na igreja em estudo.

Também Azmede, mouro castelhano, nomeado mestre panceiro das Casas Reais de Évora, por D. João II, em 1491, é apontado pela História da Arte, como presumível interventor na igreja franciscana, constituindo a sua “ quota parte “ na execução das mesmas, um dado em aberto⁹⁷.

Finalmente duas referências devem ser feitas. A primeira diz respeito a Martim Lourenço, que alguns autores, nomeadamente, Mário Tavares Chicó⁹⁸, acreditam ter participado nas obras do templo. Com efeito o único indício da sua actividade é um alvará de pagamento que, em 1507, lhe á passado por D. Manuel e, no qual, aquele aparece referido como mestre das obras de S. Francisco⁹⁹. Denominação ampla esta, se

⁹⁴ - Espanca, Túlio, *Palácios Reais de Évora: o Palácio Real de S. Francisco*, in « Cadernos de História e Arte eborense III », Évora, Edições Nazareth, 1946, p. 29

⁹⁵ - *Idem, Ibidem*

⁹⁶ - Viterbo, Francisco M. Sousa, *Diccionario histórico e documental dos Architectos ...*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904, p. 240

⁹⁷ - Espanca, Túlio, *Palácios reais de Évora: o Palácio Real de S. Francisco*, op.cit., p.29

⁹⁸ - Chicó, Mário Tavares, *O Mosteiro da Batalha e a Arquitectura gótica em Portugal nos finais do séc. XIV e séc. XV*, op.cit., p. 101

⁹⁹ - Viterbo, Francisco M. Sousa, *op.cit.*, p. 85

pensarmos que tanto pode aludir a obras na igreja, no Convento ou no Palácio. Ainda a acrescentar a essa indefinição, parece-nos demasiada tardia a data de 1507, para aquele intervir na igreja, a qual segundo a nossa análise já estaria concluída nessa altura.

A segunda referência a ser feita diz respeito a Pero de Trilho, mestre apontado por Mário Tavares Chicó¹⁰⁰ e Túlio Espanca¹⁰¹, como tendo participado na construção da cabeceira, entre 1515 e 1520. Tendo em conta, como já referimos, que aquela tenha sido das primeiras obras efectuadas na igreja, aquando das obras de renovação, entre 1470 e 1503, coloca-nos reservas, em relação à proposta dos supracitados autores, ainda mais se tivermos em conta que a data por aqueles apontada para a sua intervenção é demasiado tardia, porquanto, na nossa opinião, avaliando-nos das provas gráficas e documentais já aludidas, as obras da igreja estariam finalizadas em 1503.

¹⁰⁰ - Chicó, Mário Tavares, *op. cit.*, p.101

¹⁰¹ - Espanca, Túlio, *Alguns artistas de Évora, nos sécs. XVI-XVII*, in « Cadernos de História e Arte eborense VI », Évora, Edições Nazareth, 1948, p. 130

CAPÍTULO VIII

MATERIAIS, TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

8.1 – MATERIAIS

Os materiais utilizados na construção da igreja, em estudo, foram sobretudo: pétreos, entre os quais se contam o granito, o mármore e o calcário; lenhosos, que englobam a madeira de pinho, carvalho e casquinha; cerâmicos, que abarcam os azulejos, os tijolos e as telhas; metálicos, maioritariamente o ferro.

8.1.1 – PÉTREOS

8.1.1.1 – Granito

O granito é o material pétreo mais utilizado na igreja, fazendo a sua aparição na estrutura murária, nos pilares, nos contrafortes do exterior e do interior da mesma, nas nervuras das abóbadas, nas mísulas embebidas na parede, em alguns pavimentos, nos capitéis, na estrutura geral do claustro, nas janelas e frestas, nas portas, nos bocetes de cruzamento dos arcos das coberturas interiores, nas cornijas, nos arcos e capitéis do pórtico, entre outros.

Relativamente à sua origem, escasseiam as fontes documentais, pelo que a hipótese que propomos teve como base as informações da carta geológica de Évora e a ideia da proximidade do local de extracção do granito, que nos fez reflectir: se este material abunda em Évora e se a sua qualidade é assinalável para a construção, porquê ir buscá-lo mais longe, o que acarretaria um acréscimo de custos e mão-de-obra? Nesta linha de

pensamento, admitimos, com as limitações inerentes a um exercício de reflexão, a sua provável origem do denominado, na região, de “ Alto de S. Bento “, o qual se situa a três Km a WNW da cidade, sendo constituído por granito de grão médio, quartzodioritos, pegmatitos e aplitos graníticos¹⁰² (fig. 8.1).

Na sua maioria, o granito utilizado na construção é de textura equigranular e de grão médio, constituído, mineralogicamente, em quantidades iguais por quartzo, feldspato e biotite (fig. 8.2), mas outros aparecem, nomeadamente, na zona do pórtico. Com efeito nesta zona do edifício aparecem, pontualmente: pegmatitos, de textura grosseiro-granular, com a inclusão de cristais de feldspato muito desenvolvidos, quartzo, biotite e muscovite, em menores quantidades (fig. 8.3); aplitos graníticos, os quais são o inverso dos anteriores, em termos de textura (a qual é microgranular), muito embora de composição mineralógica idêntica (fig.8.4); quartzodioritos, que têm a particularidade de apresentar biotite, em grandes quantidades, situação que lhes confere um tom mais escuro, em relação aos restantes (fig. 8.5); granitos porfiróides, de textura inequigranular, com feldspatos de desenvolvimento acentuado (fig. 8.6).

8.1.1.2 – Mármore

O mármore, por ser um material mais nobre, foi utilizado pontualmente nas ombreiras e vergas de algumas portas, nomeadamente nas da Sacristia e capela dos Ossos; nas lajes tumulares, que povoam os pavimentos da nave, capelas laterais e transepto; nos colunelos do claustro; no retábulo que reveste a parede Nascente da cabeceira; na balaustrada que delimita aquela zona, bem como o cruzeiro.

¹⁰² - *Notícia explicativa da Carta Geológica de Évora*, folha 40-A, p. 7

Na sua maioria é utilizado mármore branco, provavelmente, oriundo de Estremoz, em alguns casos, conjugado com mármore de outras tonalidades, especificamente no referido retábulo da cabeceira e na balaustrada, os quais, segundo Túlio Espanca, são originários de Sintra e Pêro Pinheiro¹⁰³.

8.1.1.3 – Calcário

O calcário é o material pétreo menos utilizado na construção, em análise, surgindo uma única vez, nos relevos do tímpano do portal principal. O recurso a este material, justifica-se por ser um material mais brando e, portanto, mais apropriado para determinados trabalhos artísticos, que exigem maior pormenor e minúcia, caso dos relevos, onde aparecem figurados os emblemas régios de D. João II e D. Manuel, cuja leitura, não deveria deixar lugar para dúvidas.

8.1.2 – LENHOSOS

A madeira foi utilizada em alguns pavimentos, na maioria das portas, nos altares e retábulos que pontuam a igreja, no cadeiral da cabeceira e na mesa oval da Sala da Ordem Terceira.

Nos pavimentos a madeira utilizada foi, sobretudo, o pinho, disposto em tábua corrida e assente em barrotes, como se pode observar nas zonas da cabeceira (fig. 8.7), transepto e nave.

¹⁰³ - Espanca, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*, vol. VII, *op.cit.*, p. 156

Nas portas as madeiras com mais lata utilização foram o carvalho, caso das que evidenciam maior antiguidade, e a casquinha, nas de mais recente colocação. Estas são, na sua maioria, revestidas a tinta de óleo, com três demãos.

No cadeiral da cabeceira e na mesa oval da sala da Ordem Terceira, foi utilizado o carvalho.

De madeira terá sido, igualmente, a cobertura da nave da igreja primitiva, anterior às obras de renovação dos finais do séc. XV, as quais a terão provido da cobertura em abóbada de tijolo, que, ainda hoje, se conserva. Com efeito a escolha da madeira na cobertura primitiva, estaria de acordo com a simplicidade das construções góticas mendicantes, erguidas no nosso território nos sécs. XIII e XIV, nas quais o uso de abóbadas era restringida à zona da cabeceira.

8.1.3 – CERÂMICOS

Na igreja, em estudo, utilizaram-se, naturalmente, os materiais cerâmicos tradicionais: azulejo, tijolo e telha.

8.1.3.1 – Azulejo

Na igreja existem apainelados azulejares de grande valor artístico, entre os quais, podemos citar, a título de exemplo, os de esmalte azul e branco que revestem as paredes laterais do braço Norte do transepto, alusivos à vida de santos ligados à Ordem franciscana, os quais segundo Túlio Espanca, são datáveis da primeira metade do séc. XVIII e atribuíveis à olaria lisbonense dos pintores Bernardes¹⁰⁴ (fig. 8.8).

¹⁰⁴ - Idem, p. 154

Outro conjunto, que merece referência, são os painéis lisbonenses do séc. XVIII, que guarnecem as paredes laterais da primeira capela lateral do lado Norte, denominada de baptismal, os quais são de pasta azul, sobre fundo branco, sendo compostos, ao cimo, por um tapete floral dividido por emolduramento entaçado, e, na zona inferior, por silhares de figura avulsa (fig. 8.9).

8.1.3.2 – Tijolos e telhas

O tijolo foi utilizado, sobretudo, como revestimento da cobertura inclinada da cabeceira, nas coberturas planas do braço Sul do transepto, das galerias sobrepostas às capelas laterais, e da ala Nascente do claustro. Foi, igualmente, utilizado na camada intermédia de preenchimento das paredes de granito do templo e na abóbada de berço quebrado, com penetrações, da nave.

As telhas utilizadas foram sobretudo a romana e de canudo, marcando a sua aparição, como revestimento, dos telhados inclinados, a duas águas, que cobrem o corpo da igreja, o braço Norte do transepto, a capela dos Ossos, a sala do Capítulo, a sala da Ordem terceira, a Sacristia.

Sem solucionarmos o problema da proveniência, podemos adiantar a existência de vários fornos de materiais cerâmicos (tijolos e telhas), nas cercanias da cidade de Évora, mais propriamente, junto às portas de Alconchel e Avis, bem como na zona da antiga fãbrica dos leões.

8.1.4 – METÁLICOS

O uso de materiais metálicos é bastante escasso na igreja, contudo há a referir a sua utilização no gradeamento da balaustrada, que delimita as zonas da cabeceira, cruzeiro e capelas laterais, o qual é constituído por cancelos de ferro forjado, com pintura preta e dourada.

O ferro aparece, também, na porta que estabelece o acesso exterior ao claustro, a qual veio substituir, no restauro de 1999, levada a cabo pela Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul, a anterior de madeira¹⁰⁵.

8.2 – TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

8.2.1 – Fundações

O desconhecimento relativo às fundações da igreja em estudo, constitui, a nosso ver, um dos grandes entraves à compreensão global do comportamento estrutural da mesma, bem como ao surgimento de determinadas patologias, que julgamos lhe estarem associadas. Com efeito na grande maioria dos edificios antigos, as fundações são de três tipos: fundações directas, que funcionam como um prolongamento natural, até ao terreno, das paredes resistentes, dotadas da mesma largura ou ligeiramente alargadas, sempre que as características do terreno o justifique; fundações semi-directas, constituídas por poços de alvenaria, rematados por arcos de pedra ou tijolo; fundações indirectas, compostas por estacas de madeira, atravessando aterros e formações recentes

¹⁰⁵ - DREMS, *Processo de obras* S 07 05 10/ 17

até atingir os estratos mais profundos do solo¹⁰⁶. Das três espécies de fundações enunciadas, ignoramos a utilizada na igreja em estudo, pelo que, na nossa opinião, é premente a realização de sondagens, quer através do método de prospecção, que consiste na abertura de poços de inspeção, com uma dimensão acessível à movimentação do técnico, incumbido da tarefa, ou, em alternativa, sondagens por furação, que possibilite, através de furos profundos que atinjam a base da mesma, o conhecimento dos materiais e tecnologias utilizadas, bem como os estratos do solo.

8.2.2 – Pavimentos

Os pavimentos observados na igreja e dependências anexas são, maioritariamente, de três índoles:

1 – pavimento de soalho de madeira de pinho, de tábua corrida, de variadas dimensões, e revestido a verniz, o qual assenta sobre barrotes, por intermédio de uma camada de argamassa, nas zonas da cabeceira, braço transeptal Norte, cruzeiro e nave;

2 – pavimento de tijoleira regional, de colocação recente, na entrada da nave, no braço Sul do transepto, na Sacristia, na Sala do Capítulo, de forma quadrangular (30 x 30), cujo estado de conservação é bastante bom. Aquela assenta, como é usual em edifícios antigos, em terra batida ou enrocamentos, de pedra arrumada à mão. Esta tijoleira aparece, igualmente, conjugada com outros materiais, caso da Capela dos Ossos, onde constitui o preenchimento dos grandes rectângulos de mármore, em que aquele

¹⁰⁶ - Appleton, João A. da Silva, *Edifícios Antigos, contribuição para o estudo do seu comportamento e das acções de reabilitação a empreender*, Lisboa, LNEC, 1991, p. 10

pavimento se divide. Observamos, ainda, na Sala da Ordem Terceira, um outro tipo de tijoleira, mais antiga e de desgaste assinalável, de forma quadrangular (34 x 34);

3 – pavimento de lajes de granito, assente em terra batida ou enrocamentos, no corredor central do corpo da igreja, nas capelas laterais e no adro da galilé.

8.2.3 – Paredes resistentes

As paredes da igreja, são em alvenaria de granito, constituída por fiadas de pedra aparelhada, de assinaláveis dimensões, dispostas em camadas horizontais. Estas definem dois paramentos, espaçados entre si, cujo preenchimento é feito por uma alvenaria ordinária de pedra irregular e restos cerâmicos, segundo informações veiculadas pela Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul. A espessura das paredes é diminuta (0,80 m), diminuindo no sentido da altura. O ligante utilizado foi, provavelmente, uma argamassa de cal e areia, ao traço 1:3.

8.2.4 – Contrafortes

A disposição dos contrafortes na igreja em estudo, constitui grande originalidade, quer no que diz respeito aos contrafortes interiores, entre as capelas laterais, quer no que concerne ao contrafortes exteriores, dispostos nos ângulos da cabeceira e da frontaria. À originalidade dos primeiros, junte-se a sua importância estrutural, quer como elementos de ligação entre as paredes interiores e as do exterior da igreja, quer como apoio da galeria botante, sobre as capelas laterais, a qual desvia os empuxos da abóbada da nave, aliviando a função auto-portante da caixa murária. À evidente originalidade dos

segundos, acrescente-se a sua função de apoio das abóbadas interiores, por se colocarem na zona crucial de arranque das mesmas.

Os contrafortes, pela importância, já demonstrada, de elementos resistentes em termos estruturais, são de secção quadrangular, em cantaria aparelhada de granito. No caso dos contrafortes dispostos nos ângulos da frontaria, será interessante notar, a passagem de quadrangulares a cilíndricos, o que é um dos indicadores do alteamento das paredes, no decorrer da existência da igreja em estudo.

8.2.5 – Portas, janelas e frestas

As duas portas de ligação entre o braço Sul do transepto e o claustro, evidenciando maior antiguidade em relação às restantes, por nós observadas, desenham um arco quebrado, assente em ombreiras rectas, de cantaria aparelhada de granito. A que se situa na correspondência do primeiro tramo do braço transeptal, é de menores dimensões (1,95 de altura por 1,00 de largura) relativamente à segunda (3,10 metros de altura por 1,80 de largura) (fig. 8.10). Também de cantaria aparelhada de granito é a porta de acesso à Sala da Ordem Terceira, de formato rectangular, definida por verga e ombreiras rectas.

Igualmente de granito contam-se dois portais: o que faz a ligação entre a sala do Capítulo e o claustro, composto por um arco abatido, assente em ábacos dos quais nascem meias colunas adossadas à parede, e o que dá acesso, pelo exterior, à capela de S. Joãozinho, de arco perfeito, ladeado por colunas toscanas e dintel rectilíneo.

Para além do granito utilizou-se o mármore, nomeadamente, nas portas de acesso à Sacristia (fig. 8.11), Capela dos Ossos e no portal da frontaria. As duas primeiras são rectangulares, definidas por verga e ombreiras em mármore branco, possivelmente,

oriundo de Estremoz, evidenciando contudo algumas diferenças: a da Sacristia é encimada por frontão de enrolamento e cornija saliente, enquanto que a da referenciada capela é enriquecida, ainda, para além do frontão de enrolamento, com grossas colunas monolíticas e lisas, nos quais aquele repousa, e acrotérios decorados com urnas circulares. O portal axial é composto por dois arcos, de arquivoltas, a pleno centro, divididos por mainel, assentes em colunelos, adossados à parede, providos de capitéis vegetalistas.

Na sua maioria, as portas que temos vindo a referenciar, abrem-se, através, de duas bandeiras, ora lisas, ora almofadadas, de madeira de carvalho, revestidas a tinta de óleo. As janelas e frestas da igreja em análise são, na sua maioria de granito, entre as quais se contam: as frestas inscritas nos alçados laterais do interior da igreja, sobre as capelas laterais, compostas por arco quebrado, de três finas arquivoltas, assentes em colunelos de base quadrangular; os dois amplos janelões de moldura recta, em cantaria aparelhada, que se rasgam sobre as aberturas dos braços transeptais, providos de vitrais coloridos; a janela mainelada, provida, igualmente, de vitrais, sobre o arco triunfal da cabeceira; as frestas simples, de arco quebrado, que se rasgam, nos alçados laterais do exterior da igreja.

8.2.6 – Abóbadas

A igreja em análise apresenta abóbadas de diferentes tipologias: abóbadas de berço quebrado, com lunetas, para cada tramo da nave; abóbadas de arestas, no primeiro tramo da capela de S. Joãozinho; abóbadas de cruzaria de ogivas, nas capelas laterais, no braço Sul do transepto, na Sacristia, na sala do Capítulo, na capela dos Ossos e na galilé; abóbadas de berço, na Sala da Ordem Terceira e no lanço Nascente do claustro;

abóbadas estreladas de quatro pontas, no braço Norte do transepto e no segundo tramo da capela de S. Joãozinho; abóbada estrelada de oito pontas, na cabeceira; por fim, abóbada polinervada de combados, na capela dos Castros ou Mendanhas.

Na ausência de sondagens, só nos é permitido, aventar hipóteses relativas às técnicas de construção das mesmas, pelo que a nossa análise, se restringirá, apenas, a um dos tramos da abóbada de berço quebrado, que cobre a nave da igreja. Segundo a informação disponível, a abóbada em análise, é de alvenaria de tijolo, disposto ao cutelo, muito embora esteja revestida com cal parda e juntas fingidas, que nos dá a ilusão de ser de alvenaria de pedra. A escolha do tijolo não terá sido arbitrária, já que se trata dum material leve e, portanto, mais apropriado do que a pedra para cobrir um vão tão largo, quanto é o do templo franciscano (aproximadamente 13 metros). O processo de fabrico daquele compreende, sumariamente, as seguintes operações¹⁰⁷:

- 1 – Escolha e preparação das terras;
- 2 – Amassadura;
- 3 – Moldação;
- 4 – Enxugo;
- 5 – Cozedura.

Sem nos querermos alongar na descrição de cada uma das citadas operações, devemos, no entanto, ressaltar a importância da escolha e preparação das terras, dado que uma argila mal escolhida, pode acarretar problemas estruturais. Impõe-se, por isso, uma escolha criteriosa das terras, a constituir a pasta cerâmica, as quais, uma vez escolhidas, devem, ainda, ser expurgadas de elementos estranhos, como raízes e pedras, que,

¹⁰⁷ - Leitão, Luiz Augusto, *Curso Elementar de Construções*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1896, p. 20

eventualmente, possam alterar a sua homogeneidade e dar origem um produto friável, poroso e pouco resistente.

Após o fabrico do tijolo, a construção da abóbada, propriamente, dita, compreende uma série de operações, entre as quais se contam as seguintes¹⁰⁸:

- 1 – Estabelecimento dos simples;
- 2 – Colocação dos materiais sobre os simples;
- 3 – Descintramento;
- 4 – Revestimentos e acabamentos.

A primeira das operações, consiste na colocação dos simples, os quais são estruturas de madeira, indispensáveis à sustentação da abóbada, durante o período de construção e enquanto as argamassas não adquirem presa suficiente. Pensamos que no caso em análise, os simples, para cada um dos tramos da abóbada já definida, terão assentado em cambotas na vertical, perpendiculares às paredes laterais, onde se inscrevem os pilares, sobre as quais se colocaram os coxins, onde são dispostos os tijolos a cutelo.

O simples utilizado foi, provavelmente, do tipo complexo, com escoras em cruz, visto que se recorre à sua utilização sempre que o vão a cobrir ultrapasse os quatro metros de largura, como é o caso, em que aquela atinge os treze metros, aproximadamente (fig. 8.12). O simples toma a forma da abóbada e é polvilhado com areia, de forma a evitar a aderência da argamassa.

A segunda operação, que compreende a disposição da abóbada sobre o simples, exige que a colocação do material se faça das impostas para o fecho, em fiadas simétricas, sendo o fecho e os contrafechos as últimas peças a assentar.

¹⁰⁸ - Idem, p. 258

O terceiro passo, o descintramento, consiste em separar a abóbada do simples, de forma gradual e uniforme, batendo-se, em simultâneo, nas cunhas onde assentam as escoras, processo durante o qual, ainda, se podem fazer emendas, se necessário.

Finalmente a quarta e última operação, consiste em rebocar o extradorso e o intradorso da abóbada, com argamassa de cal e areia, sobre a qual se coloca o revestimento final, que no presente caso, é de cal parda e areia, ao traço 1: 3, animado por juntas fingidas.

A estrutura de sustentação da abóbada descrita, constitui um sistema articulado e complexo, para o qual não concorre apenas o papel auto - portante da caixa murária, mas em que outros elementos intervêm, nomeadamente os arcos torais, que marcam cada um dos tramos e que funcionam como reforço da abóbada, os pilares adossados às paredes, a galeria que corre sobre as capelas laterais, que funciona como, já aludido atrás nesta dissertação, como um arcobotante contínuo, cuja função essencial consiste no desvio das forças horizontais da abóbada, obrigando-os a descarregar parte do seu peso nos espessos contrafortes interiores, aos quais aquela se liga.

8.2.7 – Coberturas

As coberturas do templo franciscano apresentam diferentes soluções, com variações assinaláveis, no que diz respeito à geometria, forma estrutural e materiais estruturais, revestimentos e isolamentos.

Em relação à forma, as coberturas, em análise, apresentam, essencialmente, duas tipologias: cobertura inclinada, de duas águas, como acontece com a zona da ábside, nave, braço Norte do transepto e na generalidade das dependências anexas e cobertura plana, em terraço, no braço Sul do transepto, na galeria inscrita nos alçados laterais da igreja, na galilé e na ala Nascente do claustro.

Quanto às soluções estruturais, há que referir que todas as coberturas têm como base as abóbadas interiores, com enchimentos de nivelamento, compostos, como é usual na maioria dos edificios antigos, de entulho seleccionado, do qual consta areia argilosa, terra ou pedra solta. Sobre essa camada de nivelamento são colocadas estruturas, mais ou menos variáveis. No caso das coberturas planas, aquela camada, é revestida com argamassa de cal e areia, sobre a qual se assenta a tijoleira cerâmica, de formato quadrangular, refechada nas juntas com argamassa hidráulica e isolada com produto asfáltico. Para as coberturas inclinadas observamos dois tipos, um mais simples, em que sobre o carregamento da abóbada, o qual toma a forma das duas vertentes, foram colocados muretes de alvenaria, sobre os quais se colocaram telhas romanas (canal) e de canudo (cobertas), como acontece na zona da nave dos fiéis (fig. 8.13), e um mais complexo, em que se utilizou asnas, obtidas da triangulação de vários elementos de madeira unidos entre si, como se pode observar na zona da Capela dos Ossos (fig.8.14). Neste último caso, as fases de construção passaram pela feitura da camada de nivelamento, sobre a qual se colocou o tal sistema da asna, constituída: pelo *pau de fileira*, o qual desenha o lado maior do triângulo; as *pernas*, que constituem os lados menores; o *pendural*, elemento vertical, que estabelece a ligação entre o meio do *pau de fileira* e o vértice de ligação das duas *pernas*; por fim, as *escoras*, elementos de reforço deste sistema, que evita a inflexão das *pernas*¹⁰⁹. Sobre a estrutura descrita, foi colocado um ripado de madeira de pinho, sobre o que foram assentes, por intermédio de uma camada de argamassa, o revestimento em telha romana, nos canais, e de canudo, nas cobertas.

¹⁰⁹ - Leitão, Luiz Augusto, *op.cit.*, p. 311

8.2.8 – Revestimentos

A igreja em análise apresenta diversos tipos de revestimentos. Com efeito o revestimento, com mais lata utilização, marcando a sua presença nas paredes exteriores da mesma, é uma argamassa de cal parda e areia fina, ao traço 1:3, com acabamento artístico e, posteriormente caiado com cal de obra e cal branca nas juntas fingidas e esgrafitos, a imitar motivos trilobados, que, normalmente, são de pedra. Para além do revestimento citado, existem, ainda, no exterior, frescos renascentistas, na zona do braço Norte do transepto, o que constitui alguma originalidade, no contexto arquitectónico nacional (fig. 8.15).

Vários são os revestimentos do interior da igreja, entre os quais se contam: os frescos ilusionistas, da época de D. José, das paredes e abóbada da Sala da Ordem Terceira, e os frescos novecentistas da cobertura abobadada da Capela dos Ossos; os azulejos que revestem as capelas laterais, a Sacristia, a Sala do Capítulo, o braço Norte do transepto, e a capela de S. Joãozinho, segundo uma diversificada tipologia, que vai desde a cerâmica hispano-mourisca, de fabrico sevilhano (do séc. XVI), passando pelos apainelados policromos, tipo tapete (do séc. XVII) até aos apainelados lisbonenses, de esmalte azul e branco, quer tipo tapete, quer historiados (do séc. XVIII); por fim, faça-se referência às ossadas humanas, que são nesta igreja utilizadas, como revestimento das paredes e nervuras das abóbadas da capela, que toma por essa razão, a designação de Capela dos Ossos.

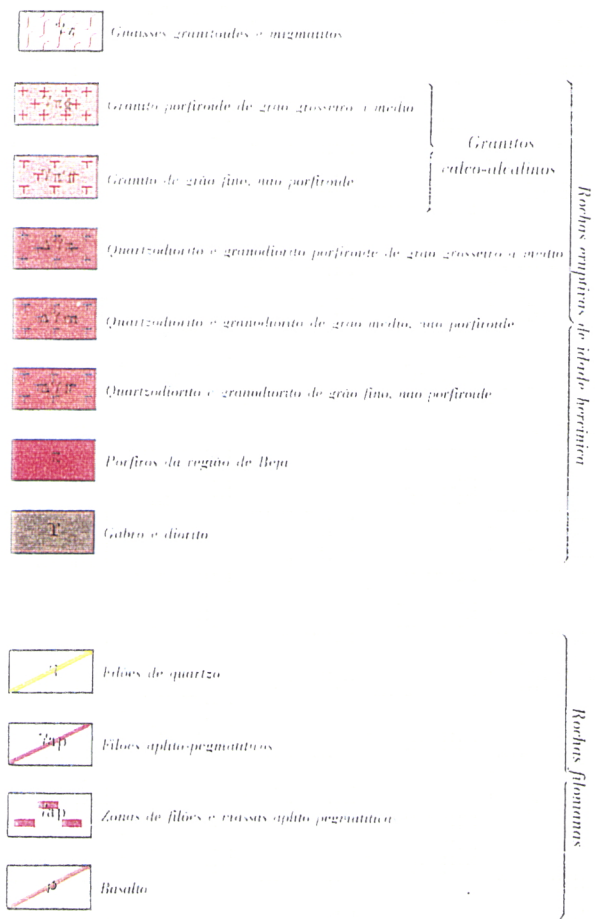
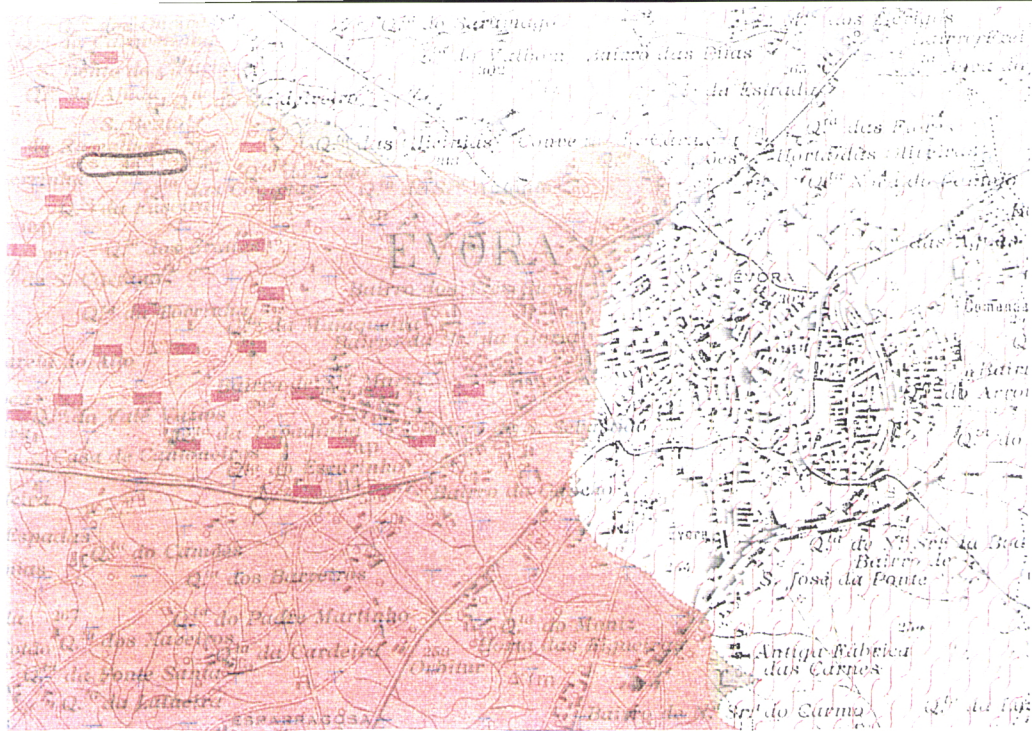


Fig. 8.1 – Caracterização geológica do “Alto de S. Bento”

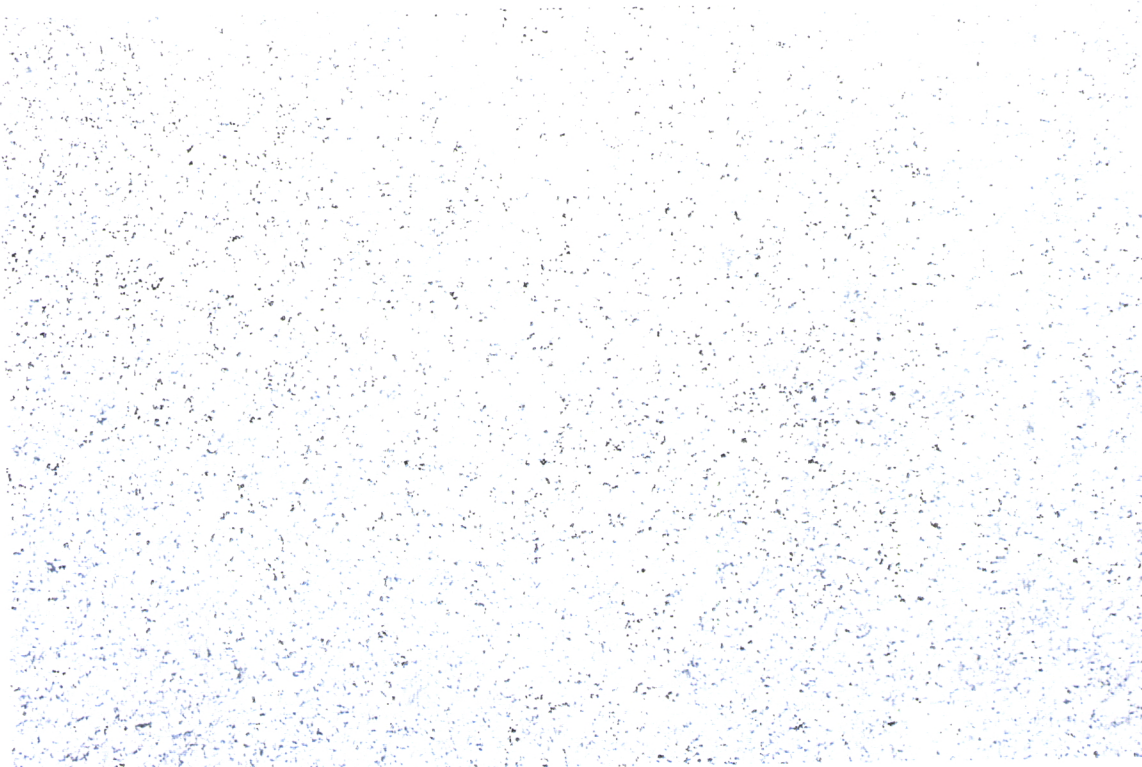


Fig. 8.2 – Igreja de S. Francisco de Évora. Granito mais utilizado na construção. Componentes mineralógicos: quartzo, feldspato e biotite. Textura equigranular, de grão médio

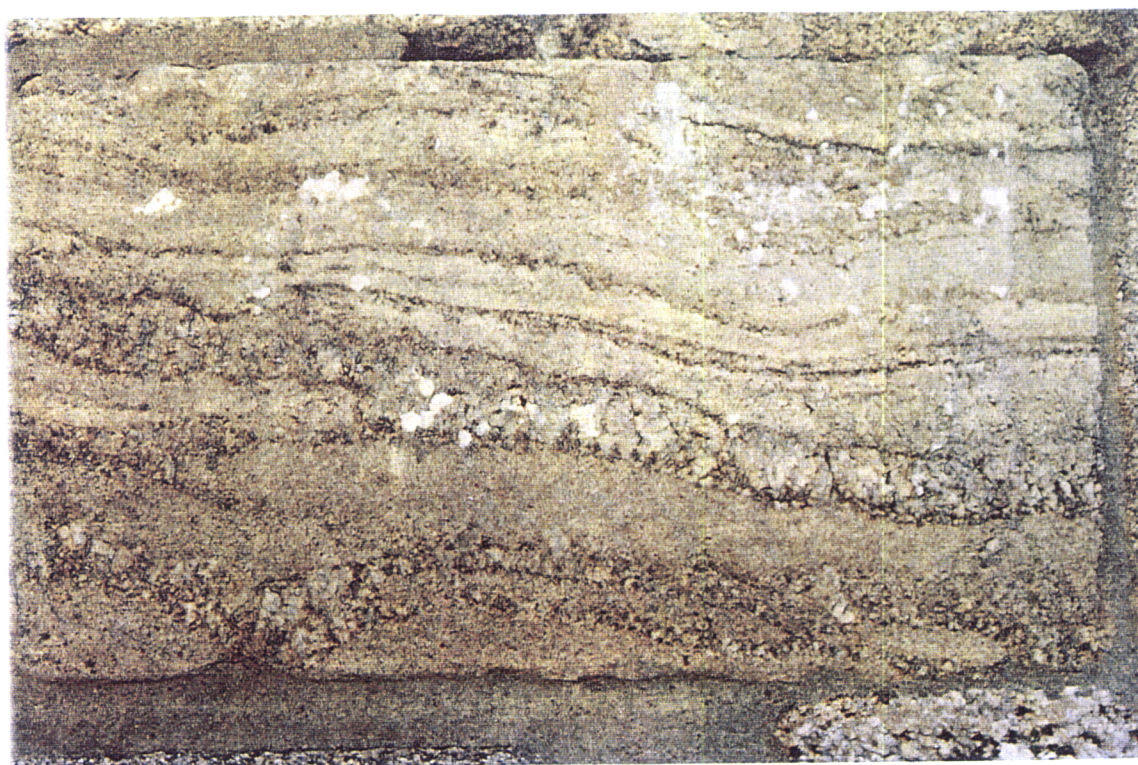


Fig. 8.3 – Igreja de S. Francisco de Évora. Pegmatito, de textura grosseiro-granular, com a inclusão de feldspatos muito desenvolvidos e quartzo, biotite e muscovite, em menores quantidades



Fig. 8.4 – Igreja de S. Francisco de Évora. Aplito granítico, o qual é o inverso do pegmatito, em termos de textura (a qual é microgranular), muito embora de composição mineralógica idêntica



Fig. 8.5 – Igreja de S. Francisco de Évora. Quartzodiorito com a presença de biotite, em grande quantidade, alinhada no sentido perpendicular



Fig. 8.6 – Igreja de S. Francisco de Évora. Granito porfiróide, de textura inequigranular, com a presença de feldspatos muito desenvolvidos

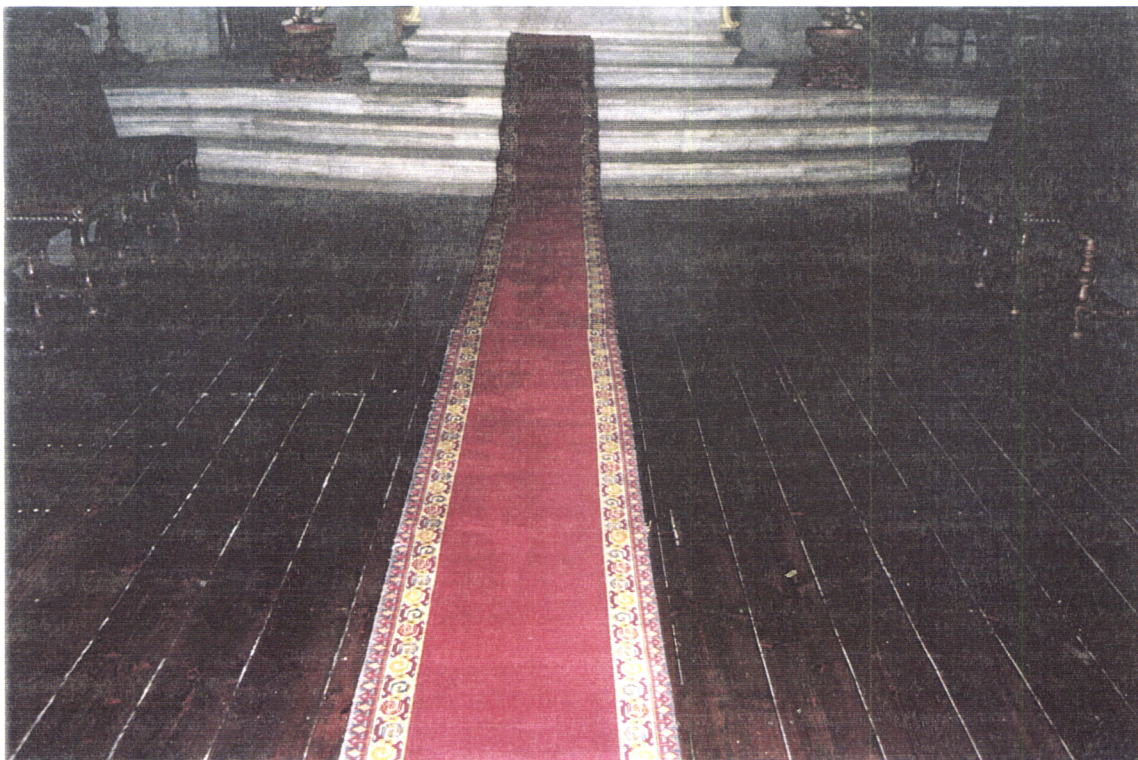


Fig. 8.7 – Igreja de S. Francisco de Évora. Pavimento da cabeceira



Fig. 8.8 – Igreja de S. Francisco de Évora. Painel de azulejos do braço Norte do transepto

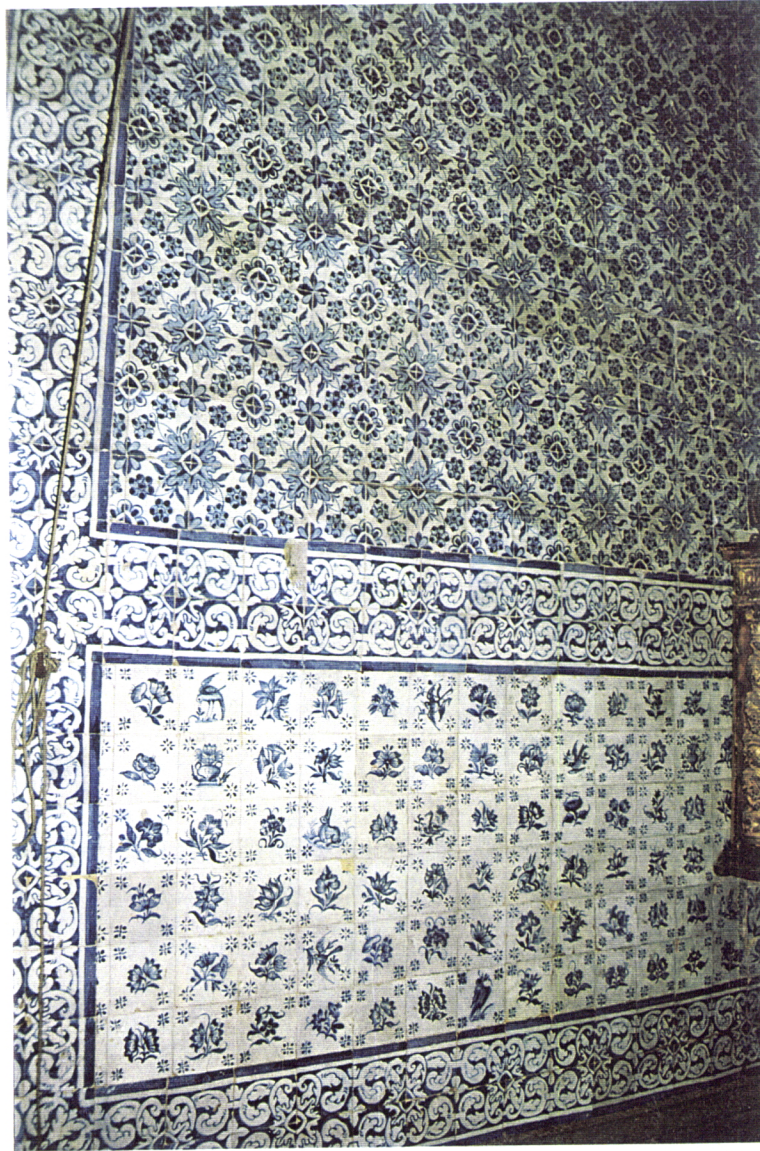


Fig. 8.9 – Igreja de S. Francisco de Évora. Painéis de azulejos da primeira capela lateral do lado Norte

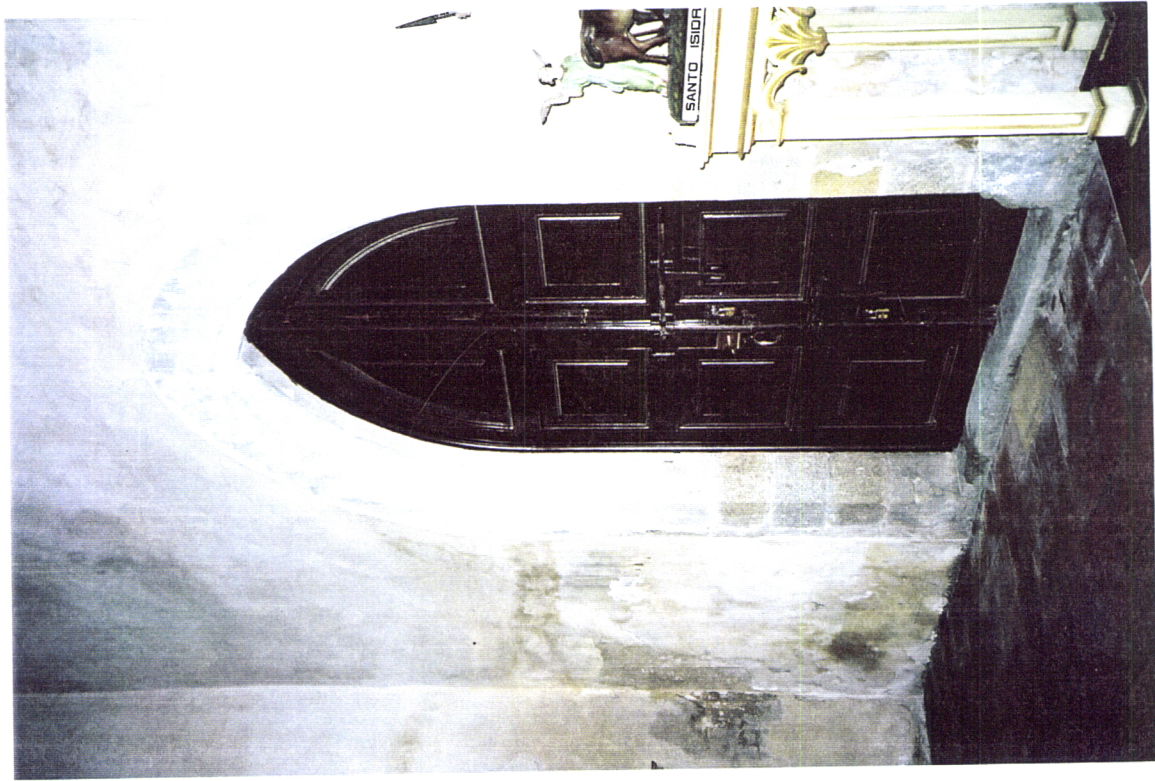


Fig. 8.10 – Igreja de S. Francisco de Évora. Porta do braço Sul do transepto



Fig. 8.11 – Igreja de S. Francisco de Évora. Porta da Sacristia

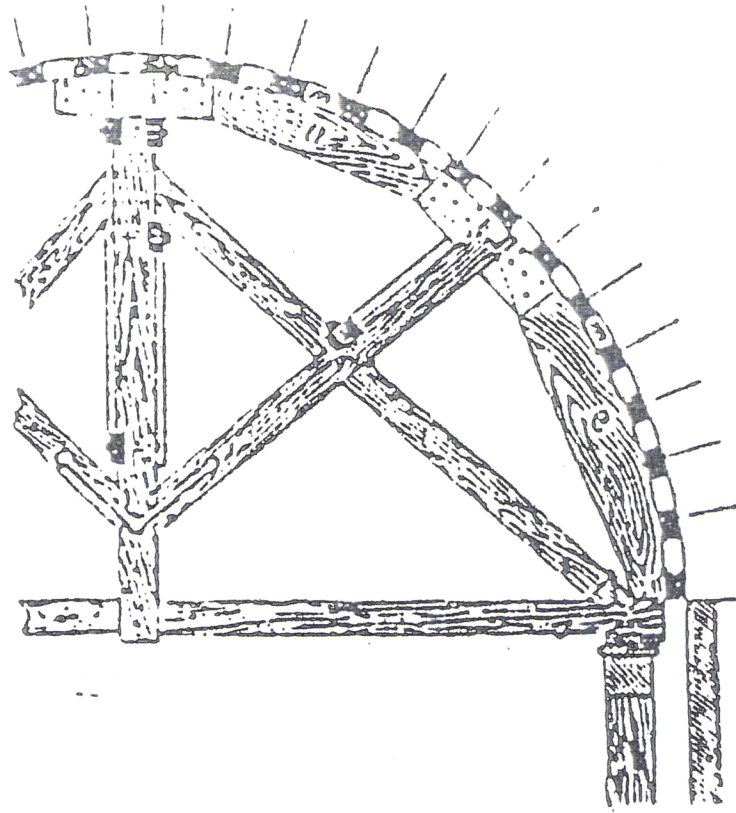


Fig. 8.12 – Igreja de S. Francisco de Évora. Simples utilizado na construção das abóbadas da nave



Fig. 8.13 – Igreja de S. Francisco de Évora. Muretes de alvenaria na estrutura do telhado da nave

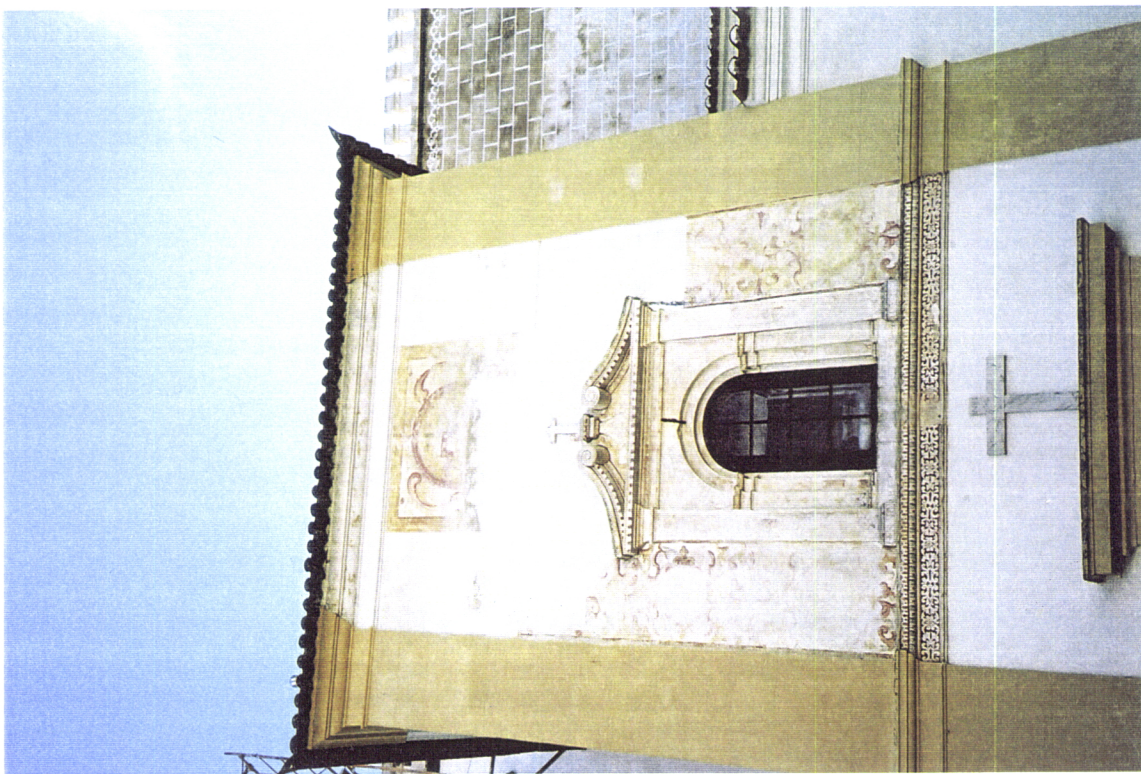


Fig. 8.15 – Igreja de S. Francisco de Évora. Frescos no exterior do braço Norte e transepto



Fig. 8.14 – Igreja de S. Francisco de Évora. Interior do telhado da Capela dos Ossos

II PARTE

ANÁLISE DO ESTADO

DE CONSERVAÇÃO ACTUAL

E

AS INTERVENÇÕES EFECTUADAS

DURANTE O ESTADO NOVO (1937-1974)

CAPÍTULO IX

ANÁLISE DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO ACTUAL

Desde o ano de 2000 que a igreja, em estudo, tem sido alvo de intervenções, sob a acção da Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul (DREMS), que visam, essencialmente, o total refazimento dos revestimentos das paredes exteriores da mesma, o que inclui a recuperação das juntas fingidas e dos esgrafitados, os quais tinham, praticamente, desaparecido. Anteriormente a estas intervenções, a degradação dos revestimentos era generalizada, verificando-se situações de desprendimento dos mesmos. Hoje a situação parece, quase, estabilizada, daí que as zonas do exterior, que serão alvo da nossa análise, se restrinjam ao pórtico de granito, que antecede a frontaria, cujo decaimento se prende com o material pétreo que o constitui, pela sua localização, especialmente, sujeito às agressões do meio ambiente; aos contrafortes graníticos, que se dispõem nos ângulos da cabeceira; ao portal da Capela de S. Joãozinho; ao claustro, o qual, para além de evidenciar anomalias de carácter estrutural, apresenta alguma degradação do material pétreo que o constitui – granito e mármore.

Com efeito, é no interior da igreja que as anomalias se assumem mais graves, as quais são de cariz, eminentemente, estrutural. Casos paradigmáticos desta situação, é a fendilhação generalizada da abóbada da nave, bem como a fissuração e degradação dos rebocos da galeria interna, situada sobre as capelas laterais. Outras zonas há, para além das mencionadas, que serão, igualmente, alvo da nossa atenção, apesar da sua menor gravidade.

A metodologia, por nós, utilizada visou o levantamento das principais anomalias, a determinação dos possíveis factores que as originaram, e algumas indicações para a sua estabilização.

Ressalve-se, porém, os limites inerentes à nossa análise, decorrentes da mera observação visual do edifício, insuficiente, para uma profunda clarificação dos problemas suscitados e para a determinação, precisa, das suas causas, sendo imprescindível, num futuro próximo, a acção de uma equipa interdisciplinar, com vista a uma avaliação aprofundada dos problemas suscitados.

9.1 – Localização e análise das anomalias verificadas no interior da igreja e suas dependências

9.1.1 – Igreja

9.1.1.1 – Cabeceira

Nesta zona da igreja as anomalias detectadas são, essencialmente, de três índoles: desprendimento de rebocos, manchas de humidade e fendilhação. A sua localização é a seguinte:

- desprendimento do reboco da abóbada, na zona sobre o retábulo, onde existiu, em tempos, um escudo de talha dourada (fig. 9.1)
- manchas de humidade na parede lateral Norte, sobre a fresta, com continuidade na abóbada (fig. 9.2)
- fenda vertical na parede lateral Norte, sobre o fecho do arco da fresta, a qual se prolonga pela abóbada (fig. 9.2)
- fenda vertical na parede do lado Sul, com origem no vão da tribuna, mais interior, com continuidade em parte da abóbada (fig. 9.3)

9.1.1.2 – Transepto

Uma observação rápida sobre esta zona, coloca em destaque, a acentuada degradação do braço Sul, devida à presença de humidades e fendas na abóbada, cuja localização é a seguinte:

- manchas de humidade no 2º tramo da abóbada (fig. 9.4)
- fendas que surgem em vários pontos da abóbada

9.1.1.3 – Cruzeiro

As anomalias desta zona são idênticas às já descritas para a cabeceira e transepto.

Relativamente à sua localização faça-se menção à:

- fenda que se inicia no arco inscrito na parede lateral Sul e que se prolonga pela abóbada (fig. 9.5)
- manchas de humidade na parede lateral Sul, sobre o arco (fig. 9.5)

9.1.1.4 – Nave

A nave é de todas as zonas da igreja, aquela que apresenta maior urgência na sua preservação. Com efeito as anomalias, aí existentes, assumem alguma gravidade, colocando, pensamos nós, em risco a própria segurança estrutural do edifício. Pela sua maior expressão, há que colocar em evidência as fendas das abóbadas de lunetas e do paramento interior da frontaria.

No que concerne às fendas do paramento interior da frontaria, refira-se:

- as fendas verticais que se desenvolvem junto à ligação daquele paramento, com as paredes laterais da nave (fig. 9.6)

Nas abóbadas de lunetas que cobrem a nave, as fendas desenvolvem-se, preferencialmente, na direcção longitudinal em relação ao eixo da nave, apresentando a seguinte distribuição:

- primeiro tramo: fendilhação em ambas as abóbadas, mas mais agravada no lado Sul (fig. 9.7)
- segundo tramo: fendilhação em ambas as abóbadas, mas bastante mais notória no lado Sul (fig. 9.8)
- terceiro tramo: fendilhação expressiva em ambas as abóbadas, mas bastante mais acentuada no lado Sul (fig. 9.9)
- quarto tramo: fendilhação em ambas as abóbadas (fig. 9.10)
- quinto tramo: fendilhação na abóbada do lado Norte (fig. 9.11)
- Sexto tramo: fendilhação pouco pronunciada na abóbada do lado Norte (fig. 9.12)

9.1.1.5 – Galeria do 1º piso (sobre as capelas laterais)

Em praticamente todas os tramos, em que se divide a galeria, situados na correspondência de cada um dos tramos da abóbada da nave, é notória a degradação dos rebocos, existindo zonas onde se deu o seu desprendimento, deixando à vista a alvenaria de tijolo das paredes e abóbadas, bem como fendas, mais ou menos pronunciadas, nas paredes, abóbadas e arcos de ligação dos tramos. Do conjunto das anomalias registadas, salientam-se os seguintes casos:

- 2º tramo da galeria Sul: degradação acentuada dos rebocos das paredes e abóbadas, notando-se a presença de manchas esbranquiçadas devidas a humidades e desprendimento do reboco, com tijolo à vista (fig. 9.13); fenda no arco que estabelece comunicação deste tramo, com o terceiro (fig. 9.14)
- 3º tramo da galeria Sul: decaimento do reboco da abóbada, onde aparecem zonas com tijolo à vista (fig. 9.15); fenda vertical na parede interior, com continuidade na zona de ligação desta parede com a abóbada (fig. 9.16); depósito de guano de pombo no parapeito da fresta exterior e fenda, com início no parapeito e que se prolonga até ao pavimento (fig. 9.17); fenda no arco de ligação com o quarto tramo (fig. 9.18)
- 5º tramo da galeria Sul: manchas de humidade e degradação do reboco, com tijolo à vista na abóbada (fig. 9.19); fenda no arco que abre para o sexto tramo (fig. 9.20)
- 6º tramo da galeria Sul: presença de humidade e degradação do reboco, com tijolo à vista, nas paredes e abóbada (fig. 9.21)
- 1º tramo da galeria Norte: degradação dos rebocos das paredes e abóbada (fig. 9.22); presença de guano de pombo, no parapeito da fresta exterior (fig. 9.23)
- 2º tramo da galeria Norte: presença de humidades e degradação dos rebocos do tecto e paredes (fig. 9.24); fenda no arco de comunicação com o terceiro tramo (fig. 9.25)
- 3º tramo da galeria Norte: manchas de humidade e degradação dos rebocos da abóbada e paredes (fig. 9.26); fenda com origem na zona do fecho do arco da fresta exterior (fig. 9.27); deposição de guano de pombo no parapeito daquela (fig. 9.28)

- 4º tramo da galeria Norte: humidade e degradação dos reboco da abóbada e paredes (fig. 9.29); reboco em fase de destacamento, no arco de ligação com o tramo seguinte (fig. 9.30)
- 5º tramo da galeria Norte: degradação do reboco da abóbada (fig. 9.31); fenda no arco de ligação com o sexto tramo (fig. 9.32)
- 6º tramo da galeria Norte: humidade e degradação dos reboco das paredes e fenda pronunciada que atravessa, longitudinalmente, a abóbada (fig. 9.33)

9.1.2 – Dependências do Lado Norte

Destas dependências salienta-se a Sala da Ordem Terceira. A situação que aqui observamos é a seguinte:

- Fenda vertical no paramento interior da parede Norte, com início num dos vãos, prolongando-se pela parede e abóbada

9.2 – Localização e análise das anomalias verificadas no exterior da igreja e suas dependências

9.2.1 - Igreja

9.2.1.1 – Contrafortes dispostos nos ângulos da cabeceira

- contraforte do lado Sul: fissuras e colonização biológica, por acção de líquenes e plantas superiores (fig. 9.35)

9.2.2 – Dependências do Lado Norte

Destas dependências, destaca-se o decaimento do granito de portal da Capela de S. Joãozinho (fig. 9.36), bem como anomalias estruturais, essencialmente, fendas em paredes. Salientam-se os seguintes casos:

- Portal da Capela de S. Joãozinho: arenização, acentuada, das colunas que o ladeiam (fig. 9.37); colonização de líquenes, na zona do dintel (fig. 9.38); destacamento de películas na zona do arco perfeito (fig. 9.39)
- Parede da Capela de S. Joãozinho, sobre o portal: fenda vertical, com origem no lado esquerdo do dintel, prolongando-se até à cobertura (fig. 9.40)
- Sala da Ordem Terceira: fenda vertical, sobre um dos vãos da mesma, que corresponde à fenda interior, atrás descrita (fig. 9.41)

9.2.3 – Dependências do lado Sul

Destas dependências salientamos o claustro, o qual evidencia decaimento dos materiais pétreos e deficiências estruturais. Temos assim:

- ala Nascente do claustro: inclinação bastante acentuada dos seu pés direitos e fendas entre as aduelas dos arcos (fig. 9.42); no mármore branco dos colunelos, são observáveis algumas formas de decaimento, como: zonas negras, lascagem e incrustação; no granito dos paramentos e arcos, observamos arenização, fissuras, lacunas e colonização de fungos e plantas superiores (figs. 9.43 e 9.44)

9.2.4 – Dependências do lado Poente

9.2.4.1 – Pórtico

Apesar dum olhar rápido e a certa distância nos dar a sensação da ausência de patologias nesta zona, elas existem, assumindo especial relevo, a colonização biológica, acompanhada por outras formas de decaimento, ainda que em menor escala, como a arenização, a formação e destacamento de películas e crostas, lacunas, fissuras, entre outros.

9.2.4.1.1– Lado Norte do pórtico

Este lado encontra-se bastante alterado, pela acção da colonização biológica, devido à orientação Norte ser mais húmida e, portanto, mais favorável à proliferação de

microorganismos. Apresenta, contudo, outras formas de decaimento, como destacamento de películas, fissuração e a ocorrência, pontual e circunscrita, de um interface reaccional. As situações são as seguintes (fig. 9.45):

- presença ubíqua neste lado do pórtico: líquenes esfoliáceos, de cor amarelada, e líquenes negros
- nas zonas altas: destacamento de películas, com um característico aspecto “ enfolado “
- contraforte do lado esquerdo: fissura aberta e de grande visibilidade, circunscrita a um bloco de cantaria aparelhada, com as arestas mais salientes em relação aos restantes
- contraforte do lado esquerdo: interface reaccional, provocado pelo uso pontual de cimento no preenchimento das juntas de dois blocos de pedra, os quais se apresentam muito erodidos e com as juntas salientes

9.2.4.1.2 – Lado Sul do pórtico

Este lado é o que se encontra melhor conservado, contudo, podem-se assinalar algumas anomalias, nomeadamente a biocolonização e o destacamento de películas. Quanto à localização é a seguinte (fig. 9.46)

- líquenes amarelados e negros
- junto ao pavimento: destacamento de películas

9.2.4.1.3 – Lado Poente do pórtico

A observação deste lado do pórtico, rapidamente, nos dá a percepção das principais patologias, entre as quais assumem maior expressão, a biocolonização, a arenização, o destacamento e formação de películas e crostas. Em menor escala, surgem outras patologias, nomeadamente: lacunas ou perdas de material, fissuras e ferruginização da biotite (fig. 9.47)

- 2º contraforte (contam-se da direita para a esquerda): colonização biológica, por acção de líquenes amarelos e negros; lacuna, situada acima da zona do ressalto
- 3º contraforte: lacuna na zona saliente do ressalto; destacamento de películas, as quais assumem um aspecto “ enfolado”; ocorrência pontual da ferruginização da biotite
- 4º contraforte: fissuração, numa zona baixa
- 5º contraforte: arenização ou pulverização do granito em finíssimos grãos
- 6º contraforte: lacuna situada acima da zona de ressalto

9.3 - Factores que determinaram as anomalias verificadas no interior da igreja e suas dependências

9.3.1 – Igreja

9.3.1.1 – Cabeceira

No que diz respeito à degradação dos rebocos, a sua causa mais provável, segundo a nossa opinião, são as infiltrações das águas das chuvas, possibilitadas pelo facto da cobertura não estar a desempenhar, convenientemente, a sua função de protecção. Esta deficiente protecção prende-se, muito provavelmente, com a necessidade de manutenção mais regular da mesma, que impeça a actividade orgânica de líquenes, algas e plantas, as quais contribuem para a degradação da tijoleira, e o entupimento dos algerozes.

Relativamente às fendas, a sua origem parece ser antiga, nomeadamente a fenda da parede lateral Sul, sobre o vão da tribuna, a qual já é referida em 1884, no relatório de inspecção da igreja em estudo, da autoria do engenheiro Augusto da Silva Monteiro. Segundo este a fenda deve-se à deficiente distribuição do peso da torre sineira, a qual encosta precisamente a esta parede. A fenda do lado Norte sobre a fresta não é referida nesse relatório, mas a sua aparição numa zona onde há, também, manchas de humidade, pode querer indicar ter a sua origem na degradação dos rebocos, devido a infiltrações.

9.3.1.2 – Transepto

A causa principal para o surgimento de manchas de humidade e fendas no braço sul do mesmo, resultam, provavelmente, do desenho inadequado da cobertura em terraço, a qual está inclinada, permitindo que as águas pluviais escorram na direcção da própria estrutura e para um único tubo de queda, que se encontra, persistentemente, entupido. A agravar a situação há, ainda, que contar com a actividade orgânica de líquenes, algas e ervas, que para além de entupirem o algeroz, contribuem para a degradação da tijoleira, bem como com o facto deste terraço receber grandes quantidades de água, provenientes da cobertura da nave.

9.3.1.3 – Nave

A existência de fendas abertas em, praticamente, todos os tramos da abóbada da nave, parece-nos ter várias causas. Com efeito essas fendas são antigas, remontando, pelo menos, a 1758, altura em que são referidas, ainda que de forma vaga, nas memórias paroquiais, as quais relatam as catástrofes causadas pelo terramoto de 1755¹¹⁰. Este cataclismo pode, com efeito, estar na base do surgimento das fendas. Em 1884, num relatório de inspecção realizado à igreja pelo engenheiro Adriano Augusto da Silva Monteiro, aquelas são descritas uma a uma, assumindo já grande expressão¹¹¹. Comparando esse relatório com a situação actual, apercebe-nos numa evolução das mesmas, ainda que de forma lenta, o que parece querer indicar que para além do papel catalisador do terramoto, poderão ter existido outros factores, que terão contribuído, ao longo do tempo, para o agravamento das mesmas. Na nossa opinião, entre outras razões,

¹¹⁰ - Grilo, Maria Ludovino, *op.cit.*, p. 135

¹¹¹ - Monteiro, Adriano Augusto, *Relatório de Inspeção, feita em Maio de 1884, ao estado de conservação do templo de S. Francisco de Évora* in « Sul », n° 378-402, Setembro e Novembro de 1884

conta-se, como mais importante, o possível assentamento diferencial das fundações. Esse assentamento diferencial, se por um lado, é um acontecimento natural em construções antigas, cuja longevidade a tal conduz, por outro lado parece querer indicar que a sua estrutura fundacional não estaria preparada para algumas das alterações, que lhe foram sendo aplicadas ao longo do tempo. Referimo-nos, por exemplo, à destruição dos edifícios conventuais, em 1895, que de alguma forma escoravam as paredes laterais. Em 1926, o arquitecto Adães Bermudes, num artigo publicado na *Capital do Sul*, referindo-se às fendas, levantava esta hipótese: *são muito antigas e devem resultar da demolição dos vastos edifícios conventuais que escoravam as paredes laterais da igreja*¹¹². De facto é muito provável que aquela demolição, tenha acarretado a alteração das condições de deformabilidade do solo de fundação, possibilitada pelas infiltrações das águas das chuvas, no terreno à volta do edifício, de onde os tais edifícios foram removidos. Outros factor que deve ser tido em linha de conta, foi a construção duma cintagem de betão armado na cobertura, em 1937¹¹³, a qual acarretou uma alteração significativa no modo de carregamento da estrutura, para a qual, a mesma, não estaria preparada. Muito embora as hipóteses levantadas, não nos permitam estabelecer uma causa-efeito evidente, não devem deixar de ser equacionadas, antes de se tomarem medidas efectivas para a resolução do problema.

9.3.1.4 – Galeria do 1º piso (sobre as capelas laterais)

O desprendimento de rebocos e as fendas observáveis nesta zona, prendem-se muito, provavelmente, com o desenho inadequado das suas coberturas. Como já referido as galerias situam-se sobre as capelas laterais, as quais se anicham entre os contrafortes

¹¹² - Bermudes, Adães, *A igreja de S. Francisco* in « Capital do Sul », Évora, 19 de Setembro de 1928

¹¹³ - DREMS, *Processo de Obras*, S 07/ 05 10/ 17

que ladeiam a igreja. Esses contrafortes, vistos do exterior, alternam com umas depressões entre eles, que mais parecem “ piscinas “. Essas depressões, revestidas a tijoleira, são precisamente o sistema de cobertura das galerias e das capelas laterais, que lhe subjazem (fig. 9. 48). A sua função que seria a de evitar infiltrações das águas pluviais, foi subvertida, tornando-se, ao invés, na causa mais óbvia para a degradação da galeria. Com efeito essas coberturas acumulam a água pluvial da cobertura da nave e os mínimos escombros bloqueiam os tubos de queda, impedindo a drenagem das águas. Os depósitos de guano que observamos em alguns dos tramos devem-se à entrada de pombos, possibilitadas, pensamos nós, por portas mal fechadas, ou outros factores a serem analisados.

9.3.2 – Dependências do lado Norte

A fenda observada no interior da Sala da Ordem Terceira resultará, na nossa opinião, não colocando de parte outros possíveis factores, da demolição parcial daquela (em 1937, pela DGEMN).

9.4 – Factores que determinaram as anomalias verificadas no exterior da igreja e suas dependências

9.4.1 – Igreja

9.4.1.1 – Contrafortes dispostos nos ângulos da cabeceira

As fissuras que surgem no contraforte do lado Sul podem, eventualmente, dever-se, às fortes amplitudes térmicas, que se fazem sentir na região, não tendo havido constatação de outros factores para tal ocorrência. Já no que toca à biocolonização, o primeiro factor ligar-se-á com a localização dos contraforte no exterior e, por isso, reunindo as condições necessárias de insolação e humidade que os líquenes necessitam, como microorganismos fotossintéticos que são, para o seu desenvolvimento e proliferação.

9.4.2 – Dependências do Lado Norte

No caso da colonização de líquenes, na zona do dintel do portal da Capela de S. Joãozinho, as razões para o seu aparecimento, são idênticas às descritas para o contraforte Sul da cabeceira. Em relação à arenização, que consiste na desagregação da rocha em fragmentos arenosos e pulveriformes (inferiores a dois milímetros), observável nas colunas do portal da capela citada, concorrem a acção do vento e das águas de escorrência das chuvas, que contribuem para o desgaste do granito e para o adoçamento, progressivo, das suas formas. No que concerne ao destacamento de finas películas na superfície do granito, na zona do arco perfeito, elas resultam, tal como acontece com a fissuração, das amplitudes térmicas. As formas de decaimento

enunciadas, são de carácter físico, não acarretando, alterações na composição química do granito.

Relativamente à fenda, desconhecemos as razões para o seu surgimento no portal da Capela de S. Joãozinho, muito embora, possa ter contribuído para esse facto, a construção duma cintagem de betão, para reforço da cobertura (em 1937, pela DGEMN), semelhante à que se construiu na zona da nave, podendo estar a exercer um peso excessivo na estrutura das paredes.

9.4.3 – Dependências do lado Sul

A inclinação acentuada dos pés direitos da ala Nascente do Claustro, terá que ver, com deslocações da estrutura provocada pelas, possíveis, más condições do terreno, onde aquela assenta. Outras causas poderão estar, eventualmente, na sua origem, nomeadamente, o acréscimo, no período quinhentista, duma galeria coberta (a qual foi destruída), precisamente, sobre o lanço Nascente, que daria acesso às tribunas reais da nave, a qual poderá ter sobrecarregado a estrutura.

As formas de decaimento do material pétreo que constitui o claustro deveu-se, essencialmente, à acção da humidade, no caso da biocolonização, e dos factores atmosféricos, como o vento, a escorrência das águas pluviais e as amplitudes térmicas, no caso da arenização, fissuras e lacunas.

9.4.4 – Dependências do lado Poente

9.4.4.1 – Pórtico

9.4.4.1.1 – Lado Norte do pórtico

A orientação Norte é extremamente favorável à colonização biológica, pelo que facilmente se compreende que seja esta a patologia dominante. Nota-se a proliferação de líquenes esfoliáceos (de tom amarelado) e líquenes negros. Estes microorganismos constituem a associação simbiótica de um alga com um fungo. São fotossintéticos, isto é, necessitam de luz para sobreviverem, assim como, naturalmente, de humidade. Dentre os dois tipos de líquenes referidos, os esfoliáceos, são mais facilmente removíveis. Ambos dificultam a percepção dos monumentos, em termos estéticos, sendo os negros, potenciais agentes de decaimento químico, se não forem eliminados atempadamente.

A arenização, o destacamento de películas e a fissuração são outras das patologias, que marcam presença neste lado do Pórtico, devido aos agentes atmosféricos já mencionados.

Merece especial atenção a presença de blocos de granito, muito erodidos, com juntas de cimento salientes. A utilização pontual do cimento no preenchimento das juntas daqueles blocos, ao invés de se ter utilizado uma argamassa de cal e areia, como acontece nas restantes partes do pórtico, justifica essa anomalia, devida ao contacto de dois materiais incompatíveis, em termos de resistência, o que pode vir a originar tensões e, conseqüentemente, outras anomalias mais graves, como a fissuração e fractura.

9.4.4.1.2 – Lado Sul do pÓrtico

As patologias aqui verificadas são sobretudo a colonização de líquenes esfoliáceos, de tom amarelado, e líquenes negros. O seu aparecimento é bastante diminuto, quando comparado com as zonas Norte e Poente, o que tem que ver com a orientação geográfica, menos susceptível aos agentes climáticos. No entanto, o aparecimento daqueles, resulta da existência, das condições mínimas, no lado em análise, de insolação e humidade, imprescindível à sua sobrevivência.

Junto ao pavimento, verificamos, também, o destacamento de películas, originadas, devido, à sua localização, possivelmente por humidades por capilaridade, oriundas do terreno, e por variações térmicas acentuadas.

9.4.4.1.3 – Lado Poente do pÓrtico

Neste lado encontramos a presença de líquenes, mas também de plantas superiores, ainda que em pequena escala, as quais são responsáveis por alterações mecânicas.

Pontualmente, verificamos a ferruginização da biotite. Esta é um dos materiais principais, que entram na composição do granito utilizado no pÓrtico, caracterizando-se, num granito são, por apresentar uma coloração negra e muito brilhante, opondo-se, em termos cromáticos, ao branco leitoso do feldspato e à translucidez do quartzo. Um dos componentes da biotite é o ferro (F2), o qual ao passar dum ambiente redutor, como é o ambiente, em que o granito é formado, para um ambiente oxidante, como é o meio exterior, passa a F3, resultando essa transformação, no aparecimento duma coloração amarelada ao redor.

Para além das patologias descritas, detectam-se lacunas, em zonas salientes dos contrafortes, nomeadamente na zona de ressalto, especialmente sujeitos à maléfica acção dos factores atmosféricos. Tais perdas de material, têm importância, em termos de degradação, porquanto, os ressaltos deixam de ter a função de tampão às águas de escorrência, sobre a pedra que lhe está subjacente.

A arenização é, por demais evidente, no arredondamento das arestas dos blocos de pedra, no adoçamentos das formas e perdas dos pormenores dos motivos decorativos dos capitéis truncados, inscritos na zona mais interior dos contrafortes. Em alguns casos o simples toque da superfície da pedra com os dedos, conduz à perda de material.

9.5 – Proposta de recuperação

9.5.1 – Anomalias estruturais do interior da igreja e suas dependências

A dificuldade da determinação das anomalias, prende-se com um deficiente conhecimento dos elementos construtivos do edifício, pelo que se impõe a realização de sondagens às fundações, cujo comportamento, poderá estar na base das fendas da abóbada da nave, assim como às paredes e coberturas. Em relação às últimas, urge a sua manutenção periódica, que impeça o surgimento de plantas e o entupimento dos algerozes, acompanhada por sondagens, que por exemplo, no caso da cobertura da nave são imprescindíveis, para a avaliação do estado de conservação da cintagem de betão e do comportamentos dos outros materiais face à sua presença.

Nos casos em que as coberturas não estão a desempenhar suficientemente o seu papel de protecção, propomos a sua substituição, como é o caso da cobertura da galeria. Será mais prudente substituir, totalmente, a tijoleira por outra de terra cota de alta qualidade e com o mesmo formato da original.

Impõe-se, igualmente, a caracterização do terreno de fundação, através de furos de sondagem, e a determinação do seu nível freático, o qual pode ter conhecido importantes alterações, ao longo do tempo, nomeadamente, quando, como já referido, se demoliram os edifícios conventuais, anexos à igreja.

Ainda em relação à nave, urge, a instalação dos dispositivos próprios, com vista à medição da abertura das fendas das abóbadas de lunetas e do paramento interior da frontaria.

9.5.2 – Decaimento do material pétreo no exterior da igreja e suas dependências

Toda e qualquer acção de conservação deve ser norteada pelo princípio da intervenção mínima, especialmente, no domínio do tratamento da pedra, onde ainda não houve tempo suficiente para testar os efeitos, a longo prazo, da aplicação de certas medidas de limpeza e de consolidação, pelo que a proposta, que, aventamos, constitui, antes de mais, um exercício de reflexão, numa via possível, em nosso entender, de travar alguns dos processos degradativos observados. Pelos gastos que envolve, a nossa proposta recai, sobretudo, nas zonas do pórtico e do claustro.

No caso da colonização biológica, que aparece pontualmente no claustro, e que no caso do pórtico, constitui uma presença ubíqua, propomos uma limpeza prévia, cuja uma das vias possíveis é a húmida, através do processo de nebulização. Este procedimento é imprescindível para o amolecimento dos microorganismos e para o “desenpoeiramento” da superfície, preparando-a, convenientemente, para receber o tratamento seguinte, o qual consiste na aplicação dum biocida, à base de sais de quaternários de amónio R80R, o qual tem apresentado resultados positivos neste tipo de infestação. Após a sua aplicação e tempo de actuação, a superfície deverá ser, novamente, lavada com água nebulizada e escovada com uma escova de nylon, de forma a remover todos os microorganismos desactivados. Será importante, ainda, referir a importância do biocida, não apenas como auxiliar da limpeza, mas como produto preventivo, apesar do seu princípio activo ter uma duração de seis meses.

No que concerne à arenização, propomos uma acção de consolidação, à base da aplicação de silicato de etilo, diluído com solvente, aplicado sobre a superfície em desagregação, indirectamente através de um papel japonês. Para a definição desta operação, deverão ser realizados, previamente, ensaios comparativos nas várias zonas a

tratar, registando as profundidades de penetração nas diversas condições de aplicação. O produto pode ser aplicado a pincel, mas achamos mais cautelosa a sua aplicação com compressas embebidas.

Em relação às películas em fase de destacamento, com aspecto “ enfolado “, observáveis, sobretudo no pórtico, propomos uma acção de consolidação, cujo primeiro passo, pressupõe o seu isolamento com argamassa, seguida da aplicação, por micro-injecção, de resina ipox.

As fissuras e lacunas, em nosso entender, devem ser reintegradas, sobretudo as lacunas dos ressaltos dos contrafortes do pórtico, que funcionam como tampão às águas de escorrência, fornecendo um sistema de protecção à pedra que lhe está subjacente. Propomos, especialmente, nesse caso, injecção da zona lacunosa, com resina ipox, seguida de reintegração com argamassa (estucagem). Para algumas fissuras do claustro e do pórtico, propomos o mesmo método, muito embora, com recurso à micro-estucagem.

Propomos, ainda, a remoção das juntas de cimento, utilizadas no lado Norte do pórtico, pela sua incompatibilidade com o granito, em termos de resistência e propriedades mecânicas, a qual está a originar a erosão acelerada dos blocos de pedra.

Concluídos todos estes procedimentos de limpeza, consolidação e reintegração, e como trabalho final, entendemos, a necessidade da impermeabilização geral das cantarias, com produto hidrófugo, à base de siloxanos, sobre a pedra seca e por aspersão. Este trabalho visa por um lado, impedir a infiltração de água no granito, a qual muito contribui para a sua degradação, permitindo, por outro lado, a entrada e saída de vapor de água, indispensável à “ respiração “ do mesmo. A impermeabilização, nos moldes descritos, impede o crescimento de microorganismos, os quais são uma das causas mais graves de decaimento observada no pórtico e no claustro.

Antes de finalizarmos a nossa proposta, acentuamos a ideia de que não existem receitas certas nestes procedimentos, sendo que muito se encontra por fazer, até chegarmos a um porto seguro, onde, porventura, exista a forma infalível da resolução dos problemas ligados à degradação da pedra em monumentos. Porém, as actuações que hoje se levam a cabo, com algum factor de risco, talvez ajudem a fazer brotar mais certezas no futuro.

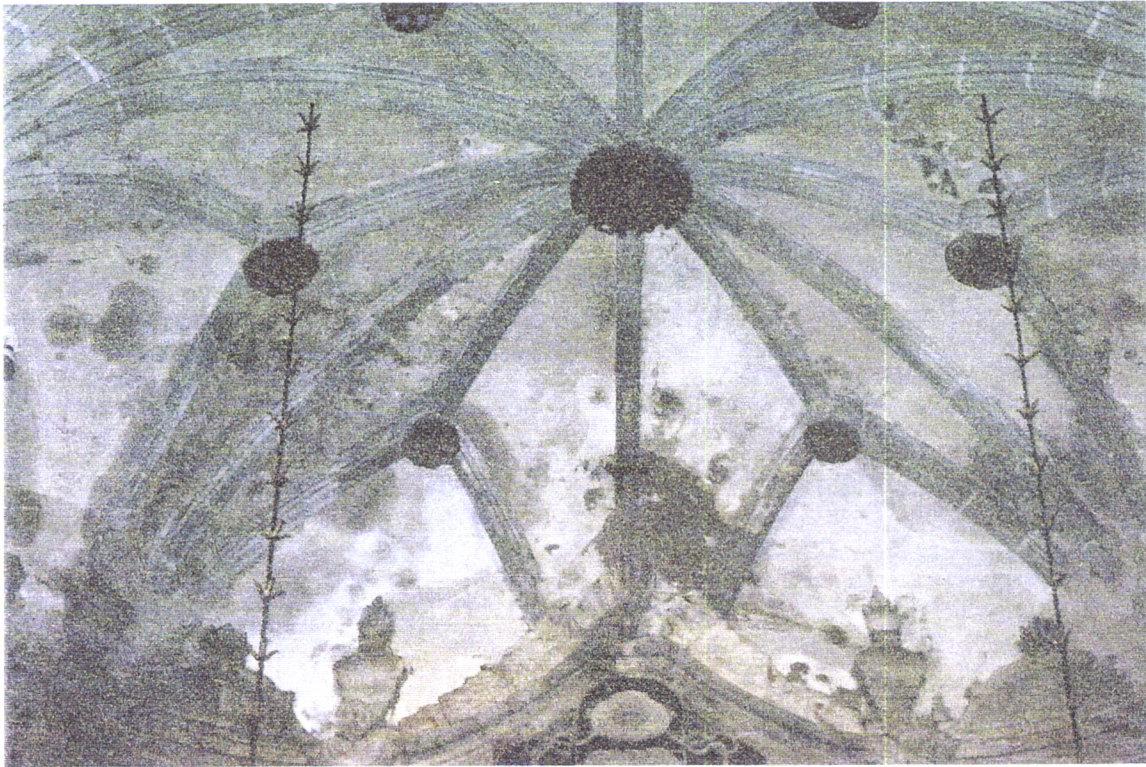


Fig. 9.1 – Igreja de S. Francisco de Évora. Cabeceira: desprendimento de reboco da abóbada, na zona sobre o retábulo, onde existiu em tempos, um escudo de talha dourada



Fig. 9.2 – Igreja de S. Francisco de Évora. Parede lateral Norte da cabeceira: fenda vertical com origem no fecho do arco da fresta, com continuidade na abóbada, e manchas de humidade na mesma zona

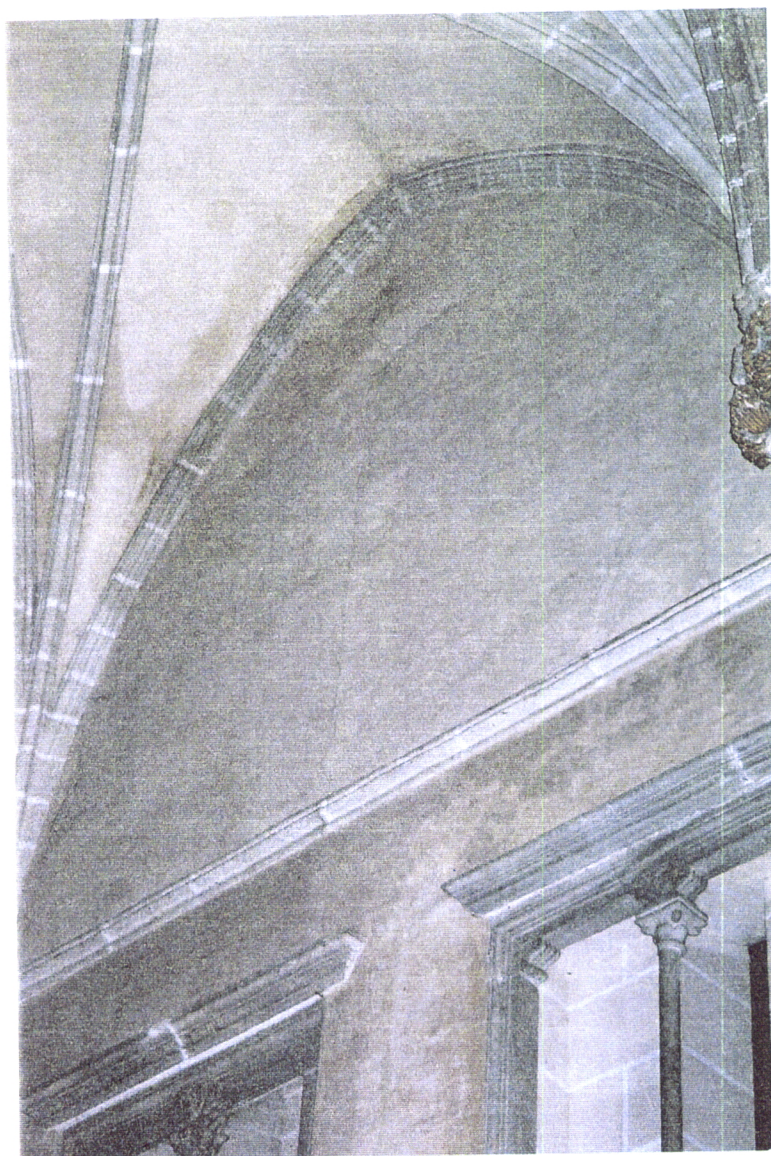


Fig. 9.3 – Igreja de S. Francisco de Évora. Parede lateral Sul da cabeceira: fenda vertical, com origem no vão da tribuna mais interior, com continuidade em parte da abóbada

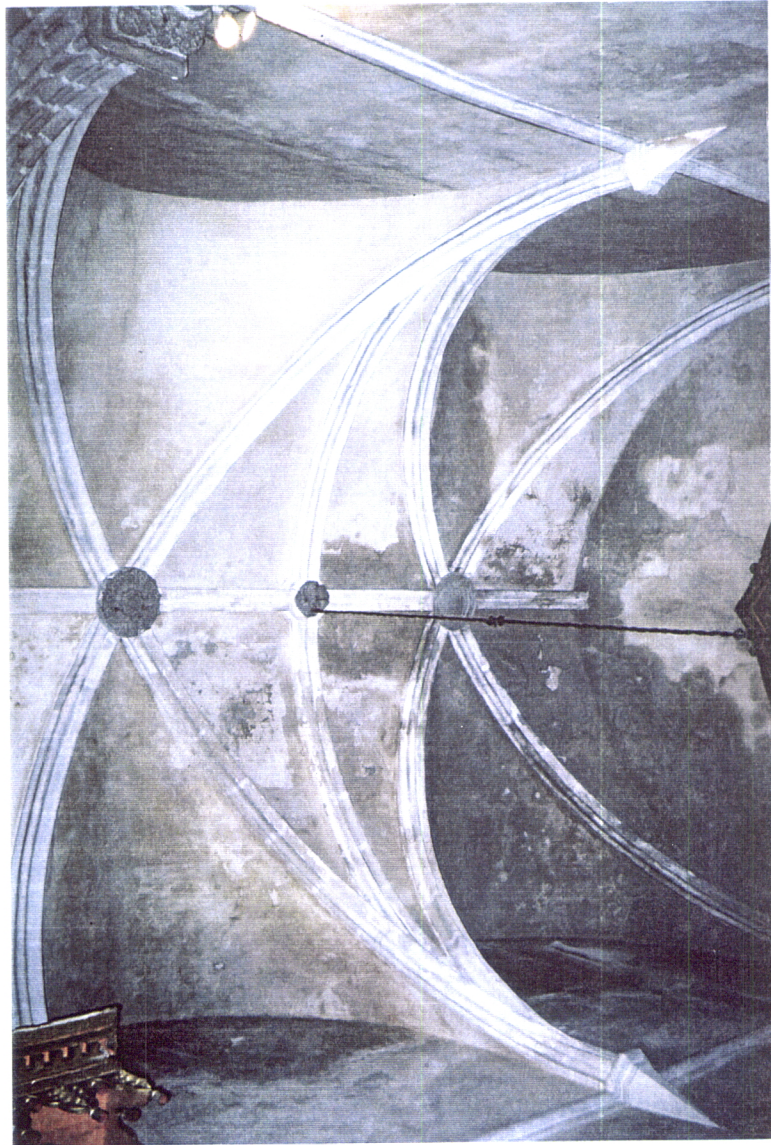


Fig. 9.4 – Igreja de S. Francisco de Évora. Braço Sul do transepto:
Manchas de humidade no 2º tramo da abóbada

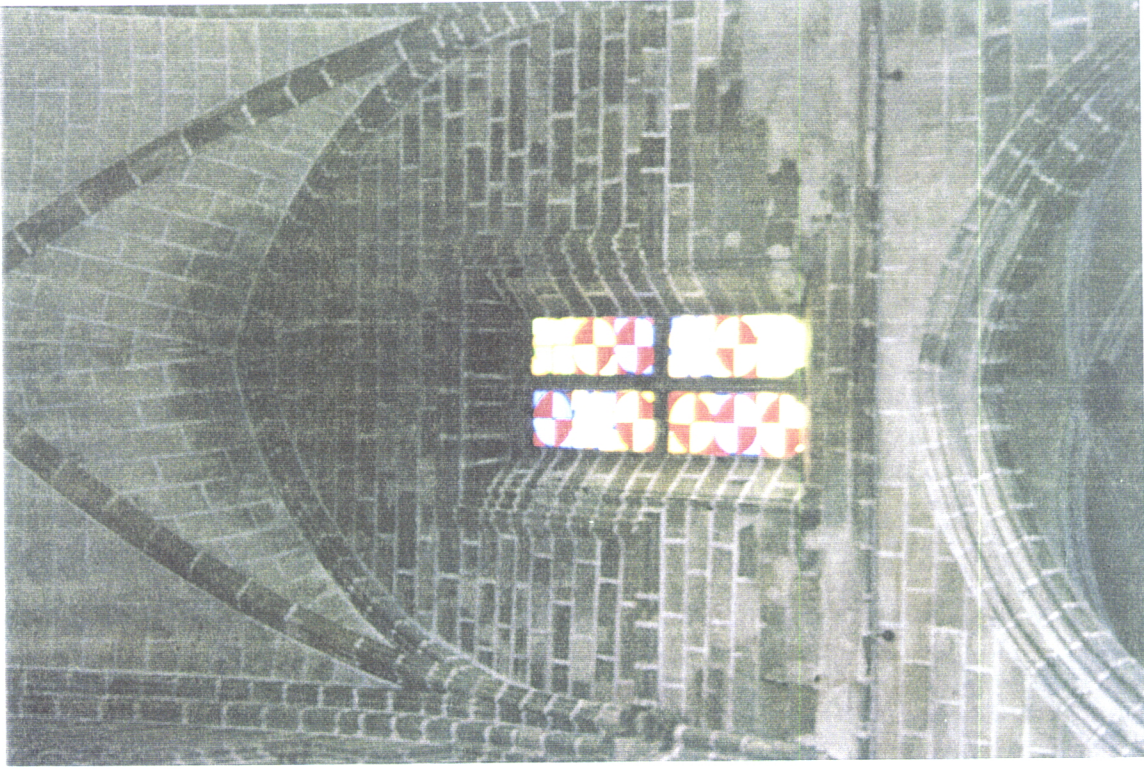


Fig. 9.5 – Igreja de S. Francisco de Évora. Cruzeiro: fenda
com início no arco da parede lateral Sul, a qual se prolonga
pela abóbada, e manchas de humidade na parede sobre o arco

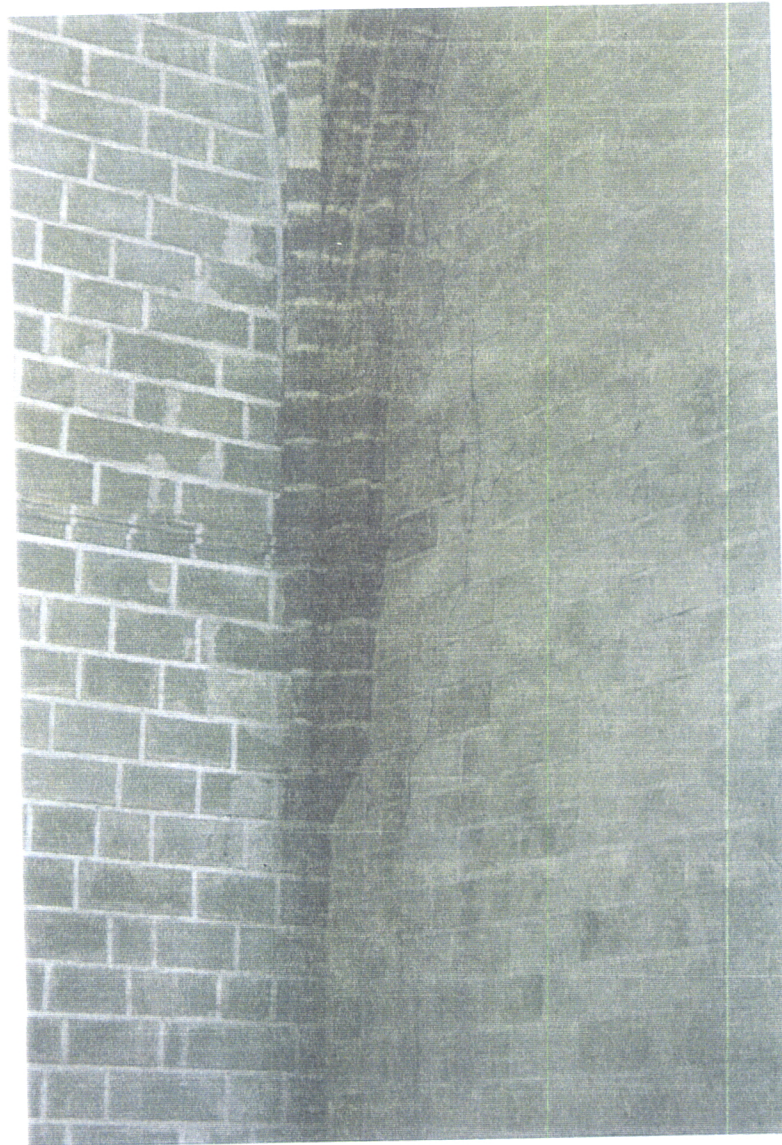


Fig. 9.6 – Igreja de S. Francisco de Évora. Nave: fendas verticais na zona de ligação do paramento interior da frontaria, com as paredes laterais